



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

***Os homens não querem só ter sexo e as mulheres não querem só fazer amor:
práticas e representações da geração *millennial* de Portugal e Brasil***

Leandro Miguel Paulo Moura

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientador(a):

Doutora Dulce Morgado de Brito Neves, Investigadora Integrada,
CIES_Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

Departamento de História

***Os homens não querem só ter sexo e as mulheres não querem só fazer amor:
práticas e representações da geração *millennial* de Portugal e Brasil***

Leandro Miguel Paulo Moura

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientador(a):

Doutora Dulce Morgado de Brito Neves, Investigadora Integrada,
CIES_Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

Dedico esta tese ao meu padrinho, por ter sido o homem mais resiliente que conheci, por me ter ensinado que, quando queremos algo, não importa de onde vimos, mas sim onde queremos chegar.

Onde quer que estejas sabes que te amo.

Agradecimentos

Escrever uma tese de mestrado engloba uma grande capacidade de automotivação, resiliência, uma boa dose de fé em nós mesmos e no processo. Por essa razão gostaria de começar por agradecer a mim mesmo por ter acreditado até ao fim que iria terminar com sucesso. Mantive ao longo deste percurso a permanente vigilância da minha emoção, gerindo o stress e as frustrações da melhor forma possível, relembando as palavras de um grande escritor, Augusto Cury: “*sucesso profissional sem sucesso emocional não é sucesso, é autodestruição*”. Estas palavras acompanharam-me durante todo o tempo e hoje sei que chego ao fim com sucesso, pois a minha emoção foi cuidada e gerida em primeiro lugar.

Queria agradecer especialmente à minha mãe que me ensinou que podemos chegar longe, que podemos sonhar, ser heróis da nossa história e que o mundo pertence àqueles que têm coragem de acreditar nos seus sonhos. Muito obrigado mãe, amo-te muito.

Grato ao meu pai pela fé que depositou em mim durante toda a minha vida. Amo-te pai.

Agradeço ao meu padrinho que faleceu dias antes de terminar esta tese, por ter sido o homem mais resiliente que conheci e por me ter ensinado que pouco importa o lugar de onde vimos, mas sim o lugar onde queremos chegar, pois tudo é possível se acreditarmos em nós. Muito grato pelo teu exemplo padrinho, amo-te.

Um agradecimento especial à Magda por me ter incentivado a continuar mesmo quando eu ponderei desistir e por ter estado ao meu lado durante o longo percurso de elaboração desta tese.

Um sincero agradecimento à minha orientadora, Professora Dulce Morgado Neves, por desde o início ter mostrado disponibilidade para me orientar, sendo um exemplo para mim como ser humano e como profissional, iluminando o caminho e permitindo que eu fizesse o meu percurso pelo meu próprio pé.

Um agradecimento emotivo a toda a minha família e amigos pela presença, força impulsionadora e pela fé que depositaram em mim, especialmente durante o período de realização da tese.

Grato aos entrevistados/as pela sua disponibilidade e vontade em contribuir para um estudo académico. Graças a vós esta tese foi possível.

Por último queria agradecer a todas as pessoas que sempre me transmitiram palavras de confiança e de fé e que fazem parte desta caminhada que se chama vida.

Um bem-haja a todos.

Resumo

Esta tese de mestrado tem como principal objetivo contribuir para os estudos de género reforçando o conhecimento científico sobre a sexualidade e o género, providenciando maior acesso ao conhecimento a toda a comunidade académica e ao público em geral. Tem como objetivo específico estudar, através de uma perspetiva comparativa, a forma como homens e mulheres vivem (teorizam e experienciam) o sexo e o sentimento amoroso, procurando encontrar semelhanças ou diferenças entre as práticas e as representações sexuais. Tratando-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um programa de mestrado em Estudos Internacionais, optou-se por desenvolver também uma abordagem comparativa com base na nacionalidade - portuguesa ou brasileira - dos homens e das mulheres, por forma a captar a influência desta variável nas práticas e as representações relativamente à sexualidade. Como população escolhida para a pesquisa, foi selecionada uma amostra de pessoas pertencentes à geração *millennial*, isto é, indivíduos nascidos entre 1982 e 2002, atores de um contexto de rápidas e significativas mudanças sociais e culturais. Como forma de encontrar possíveis desencontros entre a representação e a prática da sexualidade propomo-nos a desenvolver um estudo intensivo, recorrendo a entrevistas semi-diretivas como técnica de recolha empírica principal. A presente dissertação pretende, assim, contribuir para um maior conhecimento acerca do *status quo* da sexualidade no séc. XXI e, em particular, no referente à geração *millennial* Portuguesa e Brasileira.

Palavras-chave: Género, sexualidade, geração *millennial*, representações sexuais, práticas sexuais, Portugal – Brasil.

Abstract

The main goal of this master's thesis is to contribute to gender studies by improving scientific knowledge on sexuality and gender and providing greater access to that knowledge by the academic community and the general audience. Its specific objective is to study, through a comparative approach, the way men and women live (theorize and experience) sex and the feeling of love, seeking to find similarities or differences between sexual practices and representations. Being developed within the scope of a master's program in International Studies, this research also provides a comparison based on the nationality - Portuguese or Brazilian - of men and women, in order to capture the influence of this variable in the practices and representations regarding sexuality. The sample of the study was composed by people belonging to the millennial generation, that is, individuals born between 1982 and 2002, living in a context of significant social and cultural changes. To find possible mismatches between the representation and the practice of sexuality, we propose to develop an intensive study, using semi-directive interviews as the main data collection technique. This dissertation intends, therefore, to contribute to a greater knowledge about the status quo of sexuality in the 21st century, and, particularly, regarding the Portuguese and Brazilian millennial generation.

Keywords: Gender, sexuality, millennial generation, sexual representations, sexual practices, Portugal - Brazil

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento Teórico: Conceitos e Problemáticas	3
1.1. Sexo e género: uma distinção de conceitos fundamental	3
1.2. Sexualidade como fenómeno social e objeto de estudo	5
1.3. Práticas e representações sexuais contemporâneas	7
1.4. Sentimento amoroso e perspetivas de género	12
1.5. Sentimento amoroso e abordagem comparativa Portugal - Brasil	14
Capítulo 2. Enquadramento Metodológico da Pesquisa	17
2.1. Explicitando a questão de partida e as hipóteses da pesquisa	17
2.2. A abordagem qualitativa	18
2.3. A perspetiva comparativa Portugal - Brasil	19
2.4. Técnica de recolha de dados empíricos	20
2.4.1. As entrevistas semi-diretivas	20
2.4.2. Considerações acerca da formulação do guião de entrevista	20
2.5. Caracterização da amostra	21
2.6. Reflexão sobre o trabalho de campo	23
Capítulo 3. Discussão e Análise de Resultados	27
3.1. Introdução à análise dos dados recolhidos	27
3.2. Valorização do sentimento amoroso: comparando discursos de homens e mulheres	28
3.3. A relação sexual e a relação amorosa: continuidades e descontinuidades	30
3.4. Tipologias de práticas sexuais da geração <i>millennial</i>	31
3.5. Valorização do sentimento amoroso nos discursos dos <i>millennial</i> portugueses e brasileiros	35
3.6. De regresso à pergunta de partida: Será que homens e mulheres da geração <i>millennial</i> de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes?	41
3.7. Descobertas interessantes e possíveis estudos futuros	43
	ix

Considerações finais	45
Referências Bibliográficas	47
Anexos	50
Anexo A: Quadro da operacionalização de conceitos	50
Anexo B: Guião de entrevista	51
Anexo C: Consentimento Informado	53

Introdução

Esta dissertação de mestrado, realizada no âmbito do programa de mestrado em Estudos Internacionais, pretende ser uma abordagem comparativa entre homens e mulheres de Portugal e do Brasil no que concerne à forma como vivem (teorizam e experienciam) a sua sexualidade. Mais especificamente, pretende-se contribuir para uma reflexão crítica e fundamentada sobre a forma como pessoas da geração *millennial*, de diferentes contextos geográficos, vivem e experienciam o sexo, a sexualidade e o sentimento amoroso, trazendo à análise aspetos da relação entre práticas e representações.

Estudar a sexualidade requer que tenhamos em conta não só as aceleradas mudanças operadas neste campo da vida das pessoas, mas também a existência de uma já extensa produção de conhecimento, por parte das ciências sociais, sobre formas de viver e representar a vida íntima e sexual na contemporaneidade. Sobre este aspeto, importa ainda referir que este trabalho, ao incidir sobre práticas e representações sexuais não desviantes da *heteronorma*, (neste caso numa perspetiva comparativa entre Portugal e Brasil), acaba por integrar uma fileira minoritária das abordagens da sexualidade nas ciências sociais, as quais têm privilegiado sobretudo a análise de dinâmicas e quadros de interação sexual minoritários, plurais ou não-heteronormativos (Neves, 2013).

Para a identificação e problematização de possíveis desencontros entre as representações e as práticas da sexualidade, propomo-nos desenvolver um estudo de pendor qualitativo, recorrendo a entrevistas semidiretivas, como técnica de recolha empírica principal, à semelhança do que tem vindo a ser feito noutros estudos recentes (Marques, 2009; Neves, 2013; Carço, 2014).

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos de género, aportando um olhar crítico sobre a forma como homens e mulheres expressam representações e práticas face à sexualidade. Para isso, a análise procurará refletir sobre a forma como os indivíduos são influenciados pelo contexto social, momento histórico e pelas dinâmicas culturais vigentes, dando enfoque à produção de discursos dominantes. Concomitantemente, definem-se como objetivos específicos da pesquisa: comparar testemunhos (práticas e representações) de homens e mulheres da geração *millennial* de Portugal e do Brasil, sobre sexualidade e sentimento amoroso; captar padrões de proximidade e diferença entre discursos femininos e masculinos; identificar potenciais *gaps* entre representações e práticas nos diferentes grupos em análise; perceber diferenças e semelhanças com base na origem geográfica das pessoas.

Esta trabalho vem reconhecer as diferenças de género como uma dimensão fortemente enraizada nas nossas sociedades. O género, como veremos, é um conceito central que, associado a conjunturas históricas, políticas, culturais e sociais, conserva atualmente a sua significância na explicação de desigualdades sociais. Tratando-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um programa de mestrado em Estudos Internacionais, esta tese junta também uma abordagem comparativa com base na nacionalidade - portuguesa ou brasileira - dos homens e das mulheres entrevistados. Desta forma, não só se procura captar a influência das pertenças de género nas práticas e as representações relativamente à sexualidade, como se procura pensar esta variável numa perspetiva mais abrangente e internacional.

De destacar que o foco desta análise recai sobre geração *millennial*, isto é, sobre indivíduos nascidos entre 1982 e 2002, socializados num contexto de rápidas e significativas mudanças sociais e culturais, constituindo uma geração que, segundo Bejtkovsky (2016), tende a apresentar características convergentes, independentemente dos contextos de origem dos sujeitos.

Quanto à estrutura da tese, esta encontra-se dividida em cinco partes: a introdução, onde se apresentam os principais objetivos e o fio condutor da pesquisa; uma segunda parte, de enquadramento teórico, onde se apresenta o estado da arte e problematizam os principais conceitos e debates a mobilizar ao longo trabalho; um capítulo metodológico, onde são explicitados os métodos e técnicas de recolha empírica e ainda se reflete acerca do decurso do trabalho de campo; depois, um capítulo de discussão de resultados onde se apresentam os principais resultados da pesquisa, trazendo à luz o contraste dos dados com as problemáticas levantadas no enquadramento conceptual. Por fim, nas considerações finais, identificam-se os principais contributos da tese, bem como algumas fragilidades da pesquisa. Seguem-se, depois, as referências bibliográficas e os anexos.

Enquadramento Teórico: Conceitos e Problemáticas

1.1. Sexo e género: uma distinção de conceitos fundamental

Para podermos desenvolver um estudo de género, neste caso com uma abordagem comparativa entre dois contextos sociais e geográficos, começemos por enquadrar dois conceitos principais, a partir dos quais se tem não só construído quadros teóricos de interpretação da realidade social, mas também, em torno dos quais têm surgido debates e ruturas sistemáticas com a realidade apriorística. Estes conceitos são sexo e género, tendo os mesmos sofrido, ao longo dos anos, mudanças tanto na forma como são conceptualizados, como na forma como são operacionalizados, como iremos ver nesta tese.

Para podermos estudar o género iremos partir do pressuposto de que este conceito não se apresenta com uma definição estrita, mas sim fluída. Para tal, iremos utilizar o conceito de género nesta tese, partindo do pressuposto que este remete para diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, em oposição ao conceito de sexo que distingue, por norma, o masculino do feminino em função de características biológicas (Pereira, 2012).

Problematizando de forma mais profunda a distinção de conceitos, podemos afirmar que /nos dias de hoje a maioria dos autores e investigadores aceita que existe uma distinção conceptual entre sexo e género, remetendo o sexo para a distinção identidade físico-corporal e biológica enquanto o conceito de género reflete a dimensão de cariz cultural, remetendo para categorias e papéis sociais associados ao masculino e ao feminino (Silva, 2016). Porém a distinção conceptual entre género e sexo não é assim tão simplista e unidirecional, existindo a tese defendida por vários autores de que mesmo o conceito de sexo “não assume um único sentido consensual e incontestado” (Pereira, 2012, p. 32).

Segundo a tese defendida nomeadamente por Butler (1999), não se pode distinguir claramente sexo de género, porque o sexo aparece como uma representação marcada pelo género, ou seja, o próprio conceito de sexo é, ele mesmo, ‘genderificado’, estando o conceito de género sempre em mutação. Neste sentido, entende-se o género “enquanto produto de uma construção metódica, rotineira e recorrente, levada a cabo pelos indivíduos no contexto das interações quotidianas” (Pereira, 2012, p. 48). De acordo com esta perspetiva, o género é ‘apenas’ real na medida em que os indivíduos acreditam que é real, contribuindo eles mesmos para essa construção da realidade, (Butler, 1990).

De forma a operacionalizar o estudo do género e da sexualidade no âmbito desta tese, serão utilizadas as categorias de homem e mulher, para que se possam compreender a forma distinta como estas categorias vivem (pensam e experienciam) a sexualidade. Uma vez que estas duas categorias provêm de uma interpretação binária do conceito de género, não podemos dizer que este estudo tem a pretensão de desconstruir esta divisão binária entre homens e mulheres, pretendendo apenas contribuir para a compreensão contextual de tais diferenças. Para tal, é de ter em conta que as categorias provenientes do conceito de género (homem/mulher; masculino/feminino), que por sua vez derivam do conceito de sexo, surgem, como uma distinção socialmente construída, com utilidade científica para estudo da sexualidade e do sentimento amoroso, sem que se pretenda com a mobilização destas categorias reforçar padrões de desigualdade (Vasconcelos, 2004). No fundo, à semelhança do que é feito noutros trabalhos, “é importante ter em conta que para fins analíticos a mobilização dos conceitos de homem e mulher podem ser necessários, no entanto, é fundamental evitar presumir que se trata de conceitos fechados e absolutos” (Vaz, 2015, p. 3). Por essa razão partimos do princípio que o “masculino e feminino não são categorias fixas, mas sim uma condição (circunstancial) performativa” (Policarpo, 2011, p. 40), sendo estas mesmas categorias enquadradas no seio da sua cultura e da sua estrutura social, para um melhor entendimento do *status quo* do desempenho performativo do género.

Resgatando a perspetiva de Butler (1990), todos os indivíduos têm um papel ativo na construção das dinâmicas de género e não só um papel meramente reprodutor. Nesse sentido, ao agirmos todos consoante um determinado padrão de comportamento, naturalizamos os papéis de género que são esperados por cada homem e por cada mulher. É no âmbito desta premissa que entendemos o género, assumindo que o indivíduo tem um papel central, reprodutor e agente na construção das dinâmicas sociais de género e reconhecendo que a cada momento expressamos o género e exibimos uma performance de género Butler (1999). Posto isto, ressalva-se que esta tese aborda o género como algo construindo socialmente através dos vários processos de socialização, tornando ainda mais pertinente o estudo empírico a partir de uma amostra de homens e mulheres provenientes de diferentes países e conseqüentemente de sistemas culturais potencialmente distintos, tal como aqui fazemos.

Como forma de sustentar uma abordagem situada e performativa do género, através de um estudo qualitativo, iremos ter em conta que um dos grandes fatores para a existência de diferenças de género é a socialização pois “a socialização é o principal mecanismo de construção de diferenças entre mulheres e homens” (Pereira, 2012, p. 41), o qual influencia os modos de agir, pensar e sentir dos indivíduos. No processo de socialização, como iremos ver,

intervêm vários fatores internos e externos, havendo lugar para mudanças naquilo que se consideram ser os padrões aceitos e as práticas socialmente estabelecidas.

Sendo a socialização, como já foi referido, o principal mecanismo de construção social da diferença entre homens e mulheres (Pereira, 2012), interessa-nos, pois, compreender mais as fronteiras dessa desigualdade, neste caso, no campo da sexualidade e do sentimento amoroso. Afinal, às ciências sociais compete “analisar como os sujeitos socialmente situados constroem essas fronteiras e definições, assim construindo espaços sociais desigualitários das identidades e pessoas” (Vasconcelos, 2004, p. 55).

1.2. Sexualidade como fenómeno social e objeto de estudo

Numa passagem da análise do conceito de género para o conceito de sexualidade, importa clarificar que “o género está intimamente associado à sexualidade”, pois é na interação e na negociação dos encontros sexuais que se reforça ou modificam o nosso sentido de identidade como homens e mulheres (Marques, 2009, p. 6). Desta forma, podemos supor que existe uma forte relação entre estes dois conceitos, não só do ponto de vista analítico e teórico, mas que está plasmada também nas vivências dos indivíduos e na mediação das interações sociais. Por outro lado, apercebemo-nos que associar a masculinidade a um homem ou a feminilidade a uma mulher revela que estes dois conceitos - género e sexualidade - estão intimamente relacionados, suportando mutuamente a sua interpretação conceptual e justificando a forma como estes conceitos são enquadrados nesta tese.

Começamos por lembrar que “nas últimas décadas, poucas coisas terão mudado tão radicalmente como as formas de falar sobre sexualidade e de viver a vida sexual” (Aboim, 2013, p. 11) – um argumento que contribui para explicar a pertinência de uma análise sistemática do status quo da vivência da sexualidade, nomeadamente orientada pelas categorias de género.

Mas, afinal, como definimos sexualidade? Discursivamente, podemos definir sexualidade como uma forma de conhecimento concreto e específico sobre o sexo (Policarpo, 2011) ou ainda como “dispositivo complexo que existe para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo” (Foucault, 1994[1976], como citado em Policarpo, 2011, p. 6).

Por outro lado, a sexualidade é, ela própria, também parte da identidade do indivíduo, pois desde muito cedo que este a transporta não só discursivamente mas internamente como forma de experienciar a realidade social. Considerando-se que esta é “outra forma de encarar a sexualidade, (...) algo que define os indivíduos enquanto homens e mulheres, enquanto pessoas, na sua forma de agir para consigo próprio e para com os outros, quer sejam amigos ou possíveis

parceiros” (Marques, 2009, p. 10). Neste sentido, segundo Marques (2009), a sexualidade adquire uma grande importância para a definição da identidade do indivíduo e para a forma como este se compreende a si e ao mundo. A sexualidade encontra-se assim de forma profundamente enraizada no nosso sentido de identidade e apresenta-se, por essa razão, relacionada com a forma como nos sentimos conosco e interagimos com os outros. É através da sexualidade que experienciamos o amor, o prazer e que criamos o nosso valor pessoal (Marques, 2009). Por ser uma forma de mostrar valor pessoal, a sexualidade constitui uma forma de estar no mundo, no sentido em que os indivíduos ao incorporarem formas e mecanismos de interpretar e viver a sexualidade defendem-nas no quadro das interações sociais. Esta forma de experienciar a sexualidade está diretamente relacionada com o julgamento social, o qual não é alheio ao duplo padrão que distingue aquilo que é aceitável ou espetável por parte de homens e mulheres (Aboim, 2013).

À semelhança do género, também a sexualidade será tida em conta como construto social, altamente definido pelos processos de socialização e pelo contexto social. Porém para “encarar a sexualidade como construção social implica diferenciar as conceptualizações que lhe estão associadas” (Vieira, 2009, p. 23), sendo mais uma vez pertinente abordar a sexualidade de uma forma discursiva e não de uma forma aprioristicamente real ou verdadeira, à semelhança daquilo que foi feito com o conceito de género. Para tal, consideramos a sexualidade como produto da cultura humana, dotada de uma grande complexidade simbólica, e construída no quotidiano (Vieira, 2009). Sendo construída quotidianamente, a sexualidade é, assim, concomitantemente o produto do quotidiano e o motor que influencia a maneira de viver esse mesmo quotidiano, numa dinâmica dual própria de cada contexto.

Explorando a forma como a sexualidade está presente no quotidiano, notamos que alguns estudos sobre esta temática realçam que a sexualidade é uma constante nas interações sociais. Esta aparece, mesmo que à priori não se compreenda a robustez da sua presença, em todos os contextos sociais, sendo a sexualidade “um aspeto central das sociedades modernas” (Marques, 2009, p. 8). Nessa medida, a sexualidade é ao mesmo tempo um fenómeno potenciador e condicionador da convivência entre indivíduos e entre indivíduos e instituições. Por outro lado, ao nível intrapessoal, a sexualidade apresenta-se como central para o entendimento da identidade de cada indivíduo e das relações contemporâneas (Marques, 2009).

A sexualidade afigura-se assim como conceito central na interação humana e as ciências sociais têm desempenhado um papel importante, contribuindo para o debate e o conhecimento sobre esta matéria: os cientistas sociais começaram por desconstruir a ideia de naturalização da sexualidade, reconhecendo a sexualidade não apenas como atributo de ordem biogénica ou

psíquica, mas fundamentalmente como produto da construção social (Silva, 2016). Desta forma, “a sexualidade passou a ser algo que cada pessoa tem ou cultiva, deixando de ser uma condição natural adquirida” (Marques, 2009, p. 8). Graças a estes desenvolvimentos, a sexualidade é tomada como um todo e como algo discursivo e adquirido ao invés de ser vista como fenómeno estritamente biológico, natural e previamente existente. Neste sentido, “a sexualidade não pode ser abordada como uma espécie de energia biopsíquica apenas derivada de genes, hormonas instintos ou do inconsciente e, como tal, ‘naturalizada’ e desligada do contexto social e histórico”. (Silva, 2016, p. 46). Na mesma linha, também neste trabalho, se entende a sexualidade como algo complexo, fruto de processos de socialização e um fenómeno social, histórica e contextualmente situado.

Em suma, podemos referir que a sexualidade vivida é muitas vezes condicionada e regulada por estruturas exteriores aos indivíduos, impondo-lhes condicionamentos e limitações. Nessa perspetiva, “a sexualidade é considerada um ponto central para compreender o modo como as várias relações de poder constituem os sujeitos, através de comportamentos aceitáveis ou inaceitáveis” (Oliveira e Amâncio, 2017, p. 176), sendo também nesta relação entre o aceitável e o não aceitável que situaremos a análise dos discursos recolhidos nas entrevistas a homens e mulheres.

1.3. Práticas e representações sexuais contemporâneas

Tal como já foi mencionado anteriormente, nos últimos anos, a forma de viver e falar da sexualidade sofreu diversas alterações, alterações estas que provêm de mudanças sociais, e que se manifestam nas interações diárias, fazendo-se notar mais do que noutros sectores da vida quotidiana (Aboim, 2013). Esta realidade traz para o consciente científico a necessidade de um estudo constante e criterioso sobre a relação entre os conceitos de género e sexualidade, acima abordados. Sobre tal relação, estudos revelam que “na sua relação com a sexualidade, o género continua a constituir um forte princípio de organização da realidade e a persistência do duplo padrão (isto é, de um quadro normativo que dita modelos de conduta distintos em função do género) assume-se como obstáculo ao ideal de sexualidade liberta de constrangimentos e discriminações” (Neves, 2016, p. 92). Segundo tais estudos recentes, podemos aferir a persistência, nas gerações mais novas, de formas distintas de encarar a sexualidade em função do género, podendo tais diferenças representar um obstáculo à vivência plena e livre da sexualidade. Nesta linha de raciocínio, compreendemos que o duplo padrão sexual é ainda uma condicionante dos modelos de conduta, existindo ainda uma avaliação moral assimétrica

(Almeida, 1996), sendo este postulado teórico abordado indiretamente nesta tese, na medida em que iremos perceber de que forma esta dupla orientação continua operante.

As influências e restrições no que concerne ao gênero como forma de pensar a realidade social vêm, como sabemos, da estrutura social de *per se*, existindo formas desiguais de socializar e representar os indivíduos em função do gênero, nomeadamente no sistema educacional. Nesse sentido, “não podemos ignorar o impacto que a educação tem na interiorização de papéis integradores, nos quais a identidade de gênero é mesmo naturalizada: rapazes e raparigas continuam a não ser educados da mesma forma em matéria de sexualidade, e as expectativas em relação ao comportamento de uns e outras diferem bastante” (Policarpo, 2011, p. 40). Com efeito, é através nomeadamente da educação e dos sistemas de ensino que reforçamos a desigualdade na sociedade, levando a que homens e mulheres adotem comportamentos diferenciados também relativamente à sexualidade.

Dadas as influências dos diversos sistemas e contextos sociais, reconhecemos que “o actor social constrói a sua experiência sexual de um modo plural, articulando contributos contraditórios, respondendo a uma injunção contemporânea para ser autêntico e original” (Policarpo, 2011, p. 7). A ideia principal que podemos retirar desta perspetiva é que a experiência sexual do indivíduo pode ser influenciada e explicada através dos sistemas sociais em que este se move (Policarpo, 2011). Perante tais evidências, podemos confirmar que muitas das diferenças que existem na sociedade e que iremos estudar nesta tese estão presentes nos sistemas sociais em que os indivíduos se movem, sendo estes sistemas, nomeadamente o contexto escolar, os principais precursores das diferenças de gênero. Assim, compreendemos a existência de forças “invisíveis” que contribuem para a reprodução das desigualdades entre gêneros. Por outro lado, estas influências externas estão presentes de forma intrínseca nas categorias de gênero, nomeadamente perante a forma como os indivíduos encaram a sexualidade, pois estas estão ligadas não só à forma como as instituições sociais os inserem, mas também são fruto de uma educação e de socializações, como já percebemos, bastante influenciadas pela componente de gênero. Posto isto, se por um lado a sociedade molda os indivíduos, por outro eles mesmos se moldam na interação quotidiana através dos significados que atribuem às experiências.

Apesar das evidências de desigualdade de gênero, sabemos também que a sociedade está em constante mutação, o que leva a que se considere o gênero “uma categoria instável” (Policarpo, 2011, p. 40). No âmbito desta premissa, damos realce às flutuações constantes na forma com a sociedade influencia os modos de ser dos indivíduos, entendemos a componente mutável que o gênero apresenta, e compreendemos a influência dos processos de

individualização na forma como as relações e identidades de género dos indivíduos vão sendo reconstruídas, (Policarpo, 2011) assumindo assim que cada indivíduo experiêcia a sexualidade e o género de uma forma única. Por outro lado, estas mudanças individuais influenciadas por reajustes estruturais frequentes persistem, sendo influenciadas pela complexidade dos contextos socioculturais em que os indivíduos se movimentam (Almeida, 1996; Policarpo, 2011; Aboim, 2013.)

Sabemos que os indivíduos são influenciados pelo quadro normativo dos grupos sociais em que se inserem, assim como pelo seu contexto histórico e cultural, etc., sendo um exemplo disso o facto de que não há muito tempo “só a sexualidade vivida dentro do casamento, obviamente heterossexual e destinada primordialmente à reprodução e à constituição de uma família, era publicamente aceitável” (Aboim, 2013, p. 10). Em consequência da mudança das normas sociais, hoje em pleno século XXI “sabemos que a sociedade ocidental contemporânea faz recair sobre a intimidade e a sexualidade uma parte importante da reflexão sobre a pessoa moderna e a realização pessoal” (Neves, 2016, p. 91). Perante tais constatações, é pertinente considerar que o contexto, a época, a classe e o ambiente social e histórico influenciam indubitavelmente a perspetiva que os indivíduos têm sobre a sexualidade e a forma como a vivem. Se, por um lado, é inegável a forma como o sexo hoje toma parte importante da vida dos indivíduos, algo que influencia a experiência de cada pessoa, por outro, as transformações recentes levam a que ambos os géneros caminhem a passos leves para uma aproximação nas suas práticas e representações sobre o sexo.

Perante mudanças constantes na forma como homens e mulheres experienciam e vivem o sexo, percebemos que nos dias de hoje, de forma geral, a ideia de que as mulheres querem amor e os homens querem sexo deixou de ser evidente (Neves, 2016). Em oposição a esta ideia, e segundo Giddens (2001), a experiência sexual tornou-se mais presente e alcançável de forma a que a identidade sexual constitui uma parte importante na narrativa do self de cada indivíduo. Assim, ganhando um lugar importante na redefinição do self, tanto homens como mulheres passam a depositar na intimidade e na sexualidade uma parte importante da sua emancipação e concretização como indivíduos (Giddens, 2001).

Entendendo que a aproximação entre homens e mulheres muito deve à emancipação da mulher na sociedade, alguns autores (Aboim, 2013; Neves, 2016) defendem que são, de facto, as mulheres o epicentro da mudança social no que toca à forma como se vive a sexualidade. É nos seus discursos e trajetórias que se registam as mudanças mais significativas, sendo as mudanças no campo masculino entendidas, pelo menos em parte, como consequência ou adaptação da masculinidade “às novas regras” (Neves, 2016, p. 93). Estas evidências empíricas

de estudos anteriores sugerem que a mulher expressa, nos dias de hoje, a sua sexualidade de uma forma mais livre de estereótipos e preconceitos do que antes. Afigura-se-nos assim possível que, por comparação com as gerações anteriores, hoje em dia os homens e as mulheres vivam a sexualidade e o sentimento amoroso de forma mais semelhante.

Como já podemos perceber ao longo da parte introdutória desta tese, “enquanto construção histórica inserida numa ordem social, a sexualidade não diz apenas respeito ao sexo (no sentido da distinção categórica e naturalizada entre homens e mulheres) nem às práticas e comportamentos sexuais, envolvendo, num sentido mais amplo, sentimentos, representações e relações que formam parte de nós e nos definem enquanto seres sexuais.” (Neves, 2013, p. 1). É assim importante ter em conta as várias dimensões da sexualidade, sendo que nesta tese iremos olhar essencialmente para duas delas: as *representações*, que serão enquadradas nesta tese como sentimentos, ideias, etc.; e as *práticas* que são enquadradas como ações concretas que o indivíduo leva a cabo. Estas duas dimensões são os conceitos-chave no âmbito desta pesquisa, nomeadamente, e como veremos, para a definição do instrumento de recolha empírica e análise de resultados.

No âmbito desta abordagem, consideramos a perspetiva de Policarpo (2011), onde a mesma refere que, numa perspetiva discursiva, a sexualidade aparece como uma forma de conhecimento específico sobre o sexo, afirmando que a sexualidade “diz assim respeito eminentemente ao domínio das representações sociais, ao mesmo tempo que evoca as relações de poder desiguais que estão na origem dos discursos socialmente legitimados de onde emanam tais representações” (Policarpo, 2011, p. 6). Estas representações sobre o sexo conduzem a certo tipo de comportamentos e a certo tipo de atos ou práticas sexuais, sendo que “o sexo é frequentemente associado às práticas ou comportamentos” (Policarpo, 2011, p. 6), no sentido em que o ato sexual, em si, se expressa como uma prática sexual, sendo ao mesmo tempo resultando de uma representação sexual e motor da mudança da mesma. Existindo uma dinâmica entre práticas e representações sexuais na medida em que estas se influenciam mutuamente.

Compreendemos assim que, para analisar a sexualidade, podemos separá-la em duas dimensões distintas. Estas duas dimensões emergem assim como incontornáveis para abordar o sexual na vida humana, sendo estas duas dimensões, tal como já foi referido, a das representações e a dos comportamentos ou práticas (Policarpo, 2011). Tornando ainda mais claro esta abordagem analítica às práticas e representações sexuais, reconhecemos que, por um lado, é importante estudar, numa perspetiva mais objetiva, o que as pessoas declaram fazer, ou seja, atender ao domínio da experiência sexual, aqui chamada prática sexual; por outro lado, é

importante perceber não só, o que as pessoas dizem sentir sobre tais práticas, mas também que práticas idealizam ou perspetivam como ideais. Esta distinção analítica explica-se pela pertinência em averiguar o possível *gap* entre representações e práticas, pois “documentadas estão também as mudanças no campo da vida íntima e sexual, que traduzem a atenuação do *gap* entre atitudes e práticas femininas e masculinas” (Neves, 2016, p. 92).

Focando o nosso olhar nas representações sexuais, tendo em conta as mudanças sociais e culturais a que assistimos nas últimas décadas, assumimos que “homens e mulheres tendem, ao longo da sucessão geracional, a aderir a discursos mais igualitários, fazendo contrastar a ordem tradicional de género das gerações mais velhas com a emergência de um padrão tendencialmente menos diferenciador das normas femininas e masculinas” (Neves, 2016, p. 92). Perante isto, será de esperar que homens e mulheres expressem uma representação sexual mais próxima e mais igualitária.

Perspetiva-se que aquilo que os indivíduos dizem possa ser muitas vezes condicionado pelos quadros normativos, nomeadamente de género, aos quais pretendem corresponder. Sintetizando, as duas dimensões que emergem no sentido de compreender e estudar a sexualidade na vida humana quotidiana são as representações e as práticas ou comportamentos (Policarpo, 2011) que no contexto desta tese, tal como já foi mencionado, se chamarão práticas sexuais e representações sexuais, com forma de dar cobro às duas dimensões essenciais da sexualidade. Para que possamos abarcar a sexualidade com objeto de estudo, temos que abranger não só as práticas sexuais, mas também as significações, do domínio simbólico e representativo dos indivíduos. (Policarpo, 2011).

Com efeito, consideramos que “a sexualidade comporta várias dimensões que fazem de uma relação sexual uma relação social, que como qualquer outra, é socialmente condicionada, estruturada e construída” (Silva, 2016, p. 46). Olhando para o sexo como prática, e sendo a relação sexual uma relação social, está sujeita a constrangimentos, como outras interações quotidianas. Diversas influências culturais e normativas da sociedade, tais como a representação do sexo e da sexualidade nos media, influenciam o comportamento dos indivíduos o que poderá explicar as alterações acentuadas na vivência da sexualidade nas últimas décadas. Corroborando esta ideia, podemos afirmar que “hoje, a sexualidade está mais exposta do que no passado. (...) Diariamente podemos encontrar, nos meios de comunicação social, na literatura ou no cinema, uma multiplicidade de histórias e imagens íntimas ou longos debates sobre questões da intimidade” (Vieira, 2009, p. 56). Dessa forma, recorda-se que a maneira como os media explicitam o sexo influencia a forma como a sociedade encara a sexualidade, e compreendendo a presente cultura de “sexual story telling” (Plummer (2003b),

leva a que os indivíduos se interessem pela sexualidade, de forma mais profunda e frenética, apresentando-se como produto e consequência de uma cultura que expõe permanentemente história sexuais (Plummer, 2003b). Por outro lado, a capacidade e o poder, de difusão dos meios modernos de comunicação explicam, em larga medida, o sucesso da imagética do sexo (Plummer, 2003a).

Neste sentido, importa ressaltar a influência dos media na geração *millennial* - geração estudada no âmbito desta pesquisa. Afinal, “a comunicação social é um elemento central na vida moderna” (Vieira, 2009, p. 58), por essa razão, através do consumo de mensagens influenciadoras das percepções individuais e, direta ou indiretamente, das direções do desenvolvimento social, constroem-se formas comuns de compreender e de refletir sobre o mundo, gerando padrões de comportamento e sugerindo tipos e estilos de vida (Gauntlett & Hill, 1999). Por outro lado, a sociedade moderna divulga as normas sexuais e corpóreas de uma forma rápida e dinâmica, levando a que o corpo apareça como objeto de atenção e investimento, entendido como matéria-prima, manipulável, alterável e sem valor essencial (Vieira, 2009).

1.4. Sentimento amoroso e perspetivas de género

Olhando agora para as perspetivas de género em relação com o sentimento importa recordar que sempre houve a conceção fortemente enraizada de que “as mulheres são consideradas mais sensíveis, para elas é importante que a relação envolva sentimento. Já os homens banalizariam mais este ato, tendo relações sexuais quando quisessem, independentemente do sentimento tido pela parceira. Os homens teriam também mais necessidade de terem relações sexuais, mais desejo sexual.” (Marques, 2009, p. 11). No entanto, como já foi aqui mencionado, esta ideia começa a ser cada vez mais questionada à medida que os discursos e as experiências dos homens e das mulheres se aproximam (Neves, 2016).

A ideia de que homens e mulheres se aproximam discursivamente quando questionados sobre a sua sexualidade é central no âmbito desta tese. Queremos, assim, confirmar se de facto os homens tendem a valorizar o sentimento amoroso de uma forma similar à das mulheres. A ideia de que homens *querem sexo e mulheres querem amor* está fortemente enraizada no imaginário social e estereotipado, tendo as estruturas sociais contribuído para esta divisão, como já vimos anteriormente. Porém, tais estereótipos de género estão constantemente a ser questionados e muitos estudos têm contribuído para a sua desconstrução, revelando como tais dinâmicas se vão alterando ao longo dos anos e da sucessão geracional.

Ainda assim, no que concerne às relações sexuais com ou sem sentimento amoroso, alguns estudos apontam no sentido de que “as mulheres têm uma sexualidade virada para uma prática das suas relações sexuais ligadas ao sentimento e à emoção, enquanto que os homens tendem a separar essa afinidade e dedicar a sua prática sexual mais à procura constante do prazer” (Marques, 2009, p. 11). Ora, mais uma vez, se afigura possível a divisão *gendrificada* no que a esta questão diz respeito. Com efeito, é também objetivo deste trabalho perceber se, no âmbito de uma interação sexual, homens e mulheres apresentam os mesmos níveis de valorização do sentimento, sendo esta hipótese diferente da primeira no sentido em que se foca mais na prática sexual, ao mesmo tempo que deixa espaço para compreender a representação ou normatividade sexual que lhe deu origem.

No que se refere aos homens, assumimos que sempre houve a conceção fortemente enraizada de que estes “têm uma maior tendência para desassociarem a primeira relação sexual de um investimento sentimental duradouro, projetando para o futuro, existindo antes uma maior preocupação quanto ao seu desempenho e ao aumento da experiência” (Marques, 2009, p. 13). Essa ideia explica-se em parte porque, especialmente para os rapazes, parece existir uma maior pressão social para o início de práticas sexuais com parceira (Marques, 2009). Tal pressão pode levar não só os rapazes a iniciarem a suas relações sexuais mais cedo, como também a declararem esse padrão mesmo que tal não corresponda à verdade.

Têm vindo a ser desenvolvidos estudos sobre as temáticas das representações sexuais que apontam para mudanças na valorização do sentimento amoroso no contexto de relacionamentos sexuais (Vasconcelos, 1997). Deste modo, apesar de ainda subsistirem algumas diferenças de género, com uma associação mais forte entre relação sexual e vínculo afetivo para as raparigas, a maioria dos jovens em Portugal valoriza mais as relações sexuais quando existe sentimento amoroso (Marques, 2009). De facto, a ideia do amor como força impulsionadora para a procura da relação sexual será também uma questão que queremos abordar nesta pesquisa.

Repegando na questão do duplo padrão, o juízo diferencial sobre os comportamentos masculinos e femininos opera de forma particular no domínio da sexualidade. A ideia de que os homens associam a prática sexual a uma maior vertente de prazer e as mulheres a uma vertente mais sentimental poderá ter as suas raízes neste conceito de duplo padrão sexual, não deixando de estar associada a dimensões de prestígio e desigualdade: “o conceito de duplo padrão sexual, enquanto avaliação e juízo socialmente formulado de forma discrepante para comportamentos sexuais idênticos em homens e mulheres resulta da interceção de duas dimensões: a desigualdade de género e de prestígio em função da forma como a sexualidade de cada um é percecionada por si e pelos outros” (Vaz, 2015, p. 3).

1.5. Sentimento amoroso e abordagem comparativa Portugal - Brasil

Na abordagem às problemáticas de gênero numa perspectiva transnacional - sendo esta uma dissertação no âmbito do programa de Mestrado em Estudos Internacionais – optou-se por complementar a análise com a comparação de dois contextos geográficos e socioculturais diferentes: Portugal e Brasil. Esta escolha é feita não só para enriquecer o estudo, mas também na tentativa de aceder a perfis de experiências diferentes. Afinal, a experiência sexual de cada indivíduo pode "ser explicada pelo sistema social em que ele se insere, através das lógicas de ação que organizam as suas condutas" (Policarpo, 2011, p. 359)

Com efeito, nesta comparação entre Portugal e Brasil, revela-se interessante estudar e analisar duas realidades estruturalmente distintas que ao mesmo tempo partilham planos culturais e linguísticos semelhantes. Esta comparação entre discursos de pessoas provenientes de Portugal e do Brasil resulta da intenção de compreender se homens e mulheres de países diferentes valorizam o sentimento amoroso de forma semelhante ou distinta. Neste caso, a comparação basear-se-á na dimensão das representações sexuais, e, mais concretamente, na questão do sentimento amoroso.

Poderá, assim, ocorrer que homens e mulher de lugares distintos manifestem práticas e representações sexuais distintas. A análise comparativa entre dois países com alguma aproximação cultural e ao mesmo tempo com dinâmicas sociais distintas é de enorme complexidade. Se, por um lado, “os traços e os papéis de mulheres e homens são produto de processos cultural e historicamente variáveis de construção social de diferenciações e não o resultado inevitável e constante de uma ordem natural das coisas” (Pereira, 2012, p. 27), por outro, importa ter em conta que estamos a comparar a geração *millennial*, considerada a primeira *geração global*, dotada de maior facilidade de comunicação, transporte e informação e que, por essas e outras razões, tende a apresentar características similares independentemente do seu país de origem (Bejtkovsky, 2016).

Compreendendo as dinâmicas históricas e sociais que ligam Portugal ao Brasil, recordemos que “Portugal foi o primeiro destino importante da emigração de brasileiros na Europa” (OIM, 2010 como citado em Gomes, 2013, p. 93), sendo este processo de emigração, caracterizado por duas vagas (Gomes, 2013). A primeira vaga, entre o final dos anos 1980 e os anos 1990, correspondeu a um fluxo de profissionais com formação superior, enquanto a segunda vaga, tendo se iniciado nos anos 90 até ao período atual, se tem caracterizado por trabalhadores,

genericamente, com qualificações menos diferenciadas, que, em termos de mercado de trabalho, se inserem nos setores da construção, serviços e afins (Gomes, 2013).

Caracterizando a população brasileira residente em Portugal quanto a locais de origem, refira-se que uma grande parte é proveniente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás e Espírito Santo, sendo este dado importante para compreender a diversidade cultural que caracteriza esta comunidade. Paralelamente, outro dado relevante a acrescentar é o facto de os imigrantes de origem brasileira representarem cerca de 25% do total de população estrangeira residente em Portugal (Gomes, 2013).

Embora esta pesquisa vise, primeiramente, desconstruir preconceitos sobre as diferenças entre homens e mulheres no relativo à sexualidade e ao vínculo amoroso, foi traçado um segundo desafio: problematizar algumas ideias comumente assumidas de diferenciação entre a população portuguesa e brasileira. Neste campo, refira-se que “em relação à situação das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal deve-se levar em consideração a existência de um discurso pós-colonial e sexista que hipersexualiza e inferioriza essas imigrantes” (Padilla et al., 2012, p. 166).

No que concerne à reprodução de estereótipos e preconceitos acerca da população brasileira, reconhece-se que os media têm uma enorme influência na construção do imaginário social, sendo de destacar, por exemplo, o “papel da imprensa portuguesa na construção do estereótipo da imigrante prostituta, na medida em que privilegia as notícias de imigração brasileira associada à prostituição” (Gomes, 2013, p. 94). Um exemplo deste *framing* foi a forma como se divulgou o movimento que ficou conhecido como “As mães de bragança”, um grupo mulheres (mães em oposição ao estatuto de prostituta) que acusava as mulheres brasileiras de conquistarem os seus maridos, reforçando esta associação de mulher brasileira à imagem de prostituta (Pais, 2010). À semelhança deste, outros episódios mediáticos e televisivos têm, ao longo dos tempos, contribuído para a construção de um imaginário social de mulher brasileira como sexualmente atrevida. Tomando em consideração que “a mídia tem um papel central na construção de estereótipos” importa recordar a forma como o Brasil é representado nas televisões portuguesas, nomeadamente “pela caricatura de uma mulher brasileira, desenhada em movimento, de biquíni, com cintura fina, ancas largas e seios fartos” (Gomes, 2013, p. 100). Desta forma, será de crer que se formaram, ao longo dos anos, inúmeros preconceitos na sociedade portuguesa em torno da população brasileira e em concreto das mulheres brasileiras, *representadas* como “símbolo da erotização” (Padilla et al., 2012, p. 166)

Factos como os acima mencionados terão contribuído para construir um imaginário social que tende a associar o Brasil e a população brasileira a uma sexualidade mais livre de preconceitos, por comparação com Portugal e a população portuguesa. Contudo, sabendo como as generalizações a partir de circunstância ou de situações contextuais levam à produção de estereótipos e de ideias preconceituosas sobre a realidade, com este trabalho pretendemos também contribuir repensar tais fundamentos. Afinal, também cabe às ciências sociais quebrar preconceitos, trazendo à luz o conhecimento, cientificamente fundamentado, sobre as realidades sociais para dentro e fora da academia.

Enquadramento Metodológico da Pesquisa

2.1. Explicitando a questão de partida e as hipóteses da pesquisa

Após a reflexão teórica nos capítulos anteriores, compreendemos a importância da relação entre género, sexualidade e sentimento amoroso. De forma a manter o fio condutor nos objetivos desta pesquisa, lançou-se a seguinte pergunta de partida para conduzir o estudo empírico: “*Será que homens e mulheres da geração millennial de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes?*”. A pergunta de partida, tal como foi mencionado, apresenta-se como fio condutor da tese, albergando em si as intenções, os objetivos e os pressupostos da tese. Porém, nem sempre a pergunta de partida é suficiente para conduzir de forma eficaz e eficiente um estudo empírico. No caso concreto desta tese, sentiu-se a necessidade de formular hipóteses de partida – quatro, no total – de forma a nortear a condução da pesquisa empírica da tese.

As hipóteses foram formuladas de acordo com os objetivos do estudo, tendo todas derivado da pergunta de partida, assumindo cada uma delas um conjunto de conceitos, dimensões e indicadores passíveis de serem integrados nas entrevistas, como abaixo se explicita. De referir que todas as hipóteses foram formuladas na afirmativa, no sentido da igualdade, justificando-se esta decisão pelo facto de estudos anteriores terem aferido que “homens e mulheres tendem, ao longo da sucessão geracional, a aderir a discursos mais igualitários” (Neves, 2016, p. 92).

1ª Hipótese: *Homens e mulheres da geração ‘millennial’ valorizam de igual forma o sentimento amoroso na sua vida sexual.* Esta hipótese procura aferir, no âmbito do conceito de representações sexuais, um conjunto de ideias, pensamentos e sentimentos que um dado indivíduo tem sobre a dimensão do sentimento amoroso, concretamente, sobre a importância desta dimensão na sua vida.

2ª Hipótese: *Homens e mulheres da geração ‘millennial’ valorizam de forma semelhante relações sexuais no âmbito de uma relação amorosa.* Esta segunda hipótese remete simultaneamente para dois conceitos principais da tese: práticas sexuais e representações sexuais, sendo uma forma de colocar as duas em perspetiva, através dos indicadores que se apresentam, no quadro de operacionalização de conceitos (ver Anexo A).

3ª Hipótese: *Homens e mulheres da geração ‘millennial’ apresentam a mesma tipologia de práticas sexuais.* Esta hipótese, sendo focada no conceito de práticas sexuais, mas tendo também subjacente o conceito de representações sexuais, procura aferir a forma como

efetivamente os indivíduos experimentam o sexo, dando também enfoque à primeira experiência sexual com parceiro/a.

4^a Hipótese: *Homens e mulheres da geração 'millennial' de Portugal e Brasil valorizam o sentimento amoroso de forma semelhante.* Por fim, esta última hipótese pretende permitir a comparação entre representações sexuais, concretamente na dimensão do sentimento amoroso, entre homens e mulheres de Portugal e Brasil.

Após levantamento e reflexão sobre as hipóteses, identificaram-se os conceitos, as dimensões e os indicadores, por forma a operacionalizar o estudo, construindo para tal o quadro de operacionalização de conceitos que se apresenta em anexo. O quadro foi construído a partir da identificação das hipóteses, obtendo através destas os conceitos, e derivando dos conceitos as dimensões e, por fim, os indicadores. Foi, depois, com base nos indicadores, construído o guião de entrevista, por forma a potenciar a eficácia do instrumento na resposta às hipóteses definidas. Assim, cada pergunta corresponde apenas a um indicador, podendo um indicador corresponder a mais do que uma pergunta.

2.2. A abordagem qualitativa

Após reflexão sobre as opções metodológicas a aplicar na pesquisa, a escolha recaiu sobre o uso de uma abordagem qualitativa, com enfoque nas práticas e representações dos indivíduos face à sexualidade e na valorização do sentimento amoroso. Esta decisão justifica-se, quanto a nós, não só tendo em conta a problemática desta tese, mas também tendo em conta as vantagens e limitações associadas a cada às diferentes abordagens metodológicas (qualitativa e quantitativa).

Comparando ambas as abordagens, compreende-se que através de uma análise qualitativa é possível aprofundar a representação que os indivíduos têm sobre a sexualidade e as possíveis incoerências ou *gaps* que existem entre representações e práticas. Sabemos que um inquérito por questionário, com respostas fechadas, não será um meio apropriado para, por exemplo, realizar uma análise de discursos, nem captar discordâncias argumentativas ou percecionadas entre representações e práticas, sendo para isso mais adequado o recurso a uma metodologia de pendor qualitativo.

Esta tese procura traduzir-se numa análise qualitativa (e não extensiva) de práticas e representações associadas à sexualidade e à vida amorosa. Em concreto, procura-se, através das entrevistas, compreender possíveis padrões de práticas e representações ou mesmo compreender algumas pressões sociais que podem levar os indivíduos a adotar certas práticas

sexuais ou a declarar certas normas, compreendendo as representações sexuais que estão presentes e assim fazer o balanço entre as duas. Procura-se assim conhecer o quadro social normativo, por meio da interpretação dos relatos de homens e mulheres, através da análise das entrevistas, percebendo níveis de adesão, em ambos os géneros, a discursos mais igualitários, conforme referido no enquadramento teórico.

2.3. A perspetiva comparativa Portugal - Brasil

Relativamente à perspetiva comparativa em análise, importa realçar que o objetivo primordial da tese é dar continuidade a vários estudos existentes, e assim comparar práticas e representações sexuais de homens e mulheres. Porém e para descrição e análise das problemáticas de género numa perspetiva transnacional, foi decido albergar, como análise complementar, dois contextos socioculturais diferentes: Portugal e Brasil. Esta escolha justifica-se por vários motivos, desde logo, pela inexistência da barreira linguística, facilitando a condução, análise e comparação das entrevistas. Em segundo lugar, pelas semelhanças culturais que geralmente se atribuem a ambos os contextos, e, por fim, pela persistência de alguns preconceitos associados ao Brasil relativamente à forma supostamente mais livre e “descomprometida” com que se vivencia a sexualidade.

Por outro lado, vários factos socio-históricos mencionados no enquadramento teórico tendem a contribuir para associar o Brasil e a população brasileira a uma sexualidade mais livre de preconceitos, por comparação com Portugal e a população portuguesa. Também por esta razão foi pertinente lançar a 4ª hipótese da pesquisa: *Homens e mulheres da geração millennial de Portugal e Brasil valorizam o sentimento amoroso de forma semelhante*. Esta hipótese, vem então dar realce à comparação internacional no âmbito dos conceitos de género e sexualidade, assumindo um importante papel de desconstrução de certos preconceitos com base na nacionalidade dos indivíduos, sendo também objetivo deste estudo académico contribuir para desmistificar algumas assunções comuns sobre a cultura brasileira.

Importa referir que, de forma a tornar viável esta comparação Portugal – Brasil, foram entrevistados e entrevistadas homens e mulheres do Brasil, que viveram grande da parte da sua vida no Brasil, tendo vindo, já na sua vida adulta, para Portugal. Da amostra, apenas uma entrevistada, uma mulher brasileira, terá construído toda a sua experiência no Brasil. Este requisito foi condição para assegurar que os entrevistados e entrevistadas brasileiros, mesmo tratando-se de imigrantes em Portugal, foram socializados e construíram as suas trajetórias afetivas e sexuais até à transição para a vida adulta no seu contexto de origem.

2.4. Técnica de recolha de dados empíricos

2.4.1. As entrevistas semi-diretivas

Após a escolha do método qualitativo para pesquisa, optou-se por utilizar como técnica de recolha de informação empírica a entrevista semiestruturada. Através desta técnica, “o entrevistador pode controlar a situação e dominar uma lista de questões que foram formuladas antes da entrevista e que são respondidas, em vez de serem consideradas, reescritas, reordenadas, discutidas e analisadas a quem e conferido um papel subordinada neste contexto” (Burgess, 1984, p. 111). Se, por um lado, se pretendia definir um conjunto estruturado de perguntas que nos possibilitasse a organização do pensamento; por forma a responder à pergunta de partida (confirmando ou refutando as hipóteses), por outro, era objetivo da pesquisa abrir espaço à construção discursiva, para que os entrevistados pudessem expressar as suas ideias livremente. Por outras palavras, se por um lado, quisemos conduzir a entrevista de forma estruturada e garantir respostas para cada tópico em análise, por outro pretendeu-se garantir uma certa flexibilidade na abordagem para que, através da emergência de discursos espontâneos, conseguíssemos aceder às representações dos nossos entrevistados sobre os temas abordados. Para tal, “é vital desenvolver um clima de confiança entre aqueles com quem as entrevistas se realizam” (Burgess, 1984, p. 111).

Tendo em conta as condições do estudo, nomeadamente a entrevista, reconhecemos que “é preferível que mulheres sejam entrevistadas por mulheres” (Burgess, 1984, p. 114). Porém “os homens (...) são frequentemente bem sucedidos ao porem mulheres e homens a falar acerca das suas vidas” (Burgess, 1984, p. 114). Posto isto, tivemos em conta que nem sempre é possível controlar a interferência das características do investigador na pesquisa, sendo necessário refletir sobre a nossa postura, sexo, etnia, estatuto social, etc., - fatores que podem sempre influenciar a recolha dos dados e os resultados daí obtidos.

Justificando a opção pela realização de entrevistas nesta pesquisa, acreditamos que esta técnica é a mais adequada para compreender as experiências internas dos indivíduos, acedendo às suas emoções e pensamentos (Weiss 1994), possibilitando o conhecimento sobre a forma como os indivíduos percecionam e interpretam o mundo e suas experiências passadas. Afinal, “interviewing gives us a window on the past” (Weiss 1994, p. 1).

2.4.2. Considerações acerca da formulação do guião de entrevista

Para construção do guião de entrevista partimos dos indicadores do modelo de análise. Tratando-se de entrevistas semiestruturadas, o guião contempla várias questões sobre práticas

e representações dos indivíduos sobre sexualidade e sentimento amoroso, mas o seu uso pretende-se flexível para assim se adaptar aos discursos dos entrevistados e permitir um contraste entre as práticas declaradas e as representações dos indivíduos.

Em termos de estrutura, o guião foi dividido em três partes, de forma a melhor se operacionalizar o estudo, existindo um fácil encadeamento das hipóteses, com os conceitos, dimensões, indicadores. Esta harmonia metodológica foi concebida por correspondência de partes do guião às hipóteses, existindo assim um encadeamento se materializa no guião.

Em concreto, às três primeiras hipóteses do estudo correspondem diretamente às três primeiras partes do guião, sequencialmente. Esta correspondência existe porque o guião foi construído inicialmente tendo em vista o estudo de comparação entre as variáveis ‘homem’ e ‘mulher’. Já a análise comparativa com base na nacionalidade dos entrevistados (correspondente à quarta hipótese), poderá ser aferida facilmente através da análise da primeira parte do guião, colocando em perspetiva as variáveis Portugal / Brasil.

O guião foi constituído essencialmente por perguntas abertas, não procurando através das perguntas afunilar demasiado as respostas, mas sim dar possibilidade aos entrevistados de construírem a sua própria interpretação das questões e conceitos. Por outro lado, em algumas questões, houve necessidade de maior especificação, de forma a chegar a uma caracterização mais objetiva dos comportamentos sociais face à sexualidade, declarados pelos entrevistados (ver guião de entrevista, em Anexo B).

2.5. Caracterização da Amostra

No que concerne à amostra do estudo, foram efetuadas entrevistas a homens e mulheres, de Portugal e Brasil, utilizadores de redes sociais e pertencentes à chamada *geração millennial*. No âmbito deste trabalho, foi considerada como *geração millennial* os nascidos entre 1982 e 2002, embora se reconheça o debate concetual sobre os limites temporais que definem esta geração. Foi utilizada a definição de Neil Howe e William Strauss (2000), que defendem que a *geração millennial* ou *geração Y* nasceu no intervalo mencionado. Outro motivo pelo que se decidiu considerar este intervalo foi o de ir ao encontro de outros trabalhos, nomeadamente a tese de Feliciano (2020), realizada no ISCTE-IUL, de forma a uniformizar abordagens, possibilitando comparações e contribuindo para o conhecimento acerca deste grupo.

De resto, foi escolhida a *geração millennial*, não só por uma questão de identificação pessoal, como também pela convicção de se tratar de um grupo sujeito a mudanças sociais particulares, nomeadamente no âmbito da utilização das TIC, conforme abordado no

enquadramento teórico deste trabalho. Acredita-se, assim, que estas condições que caracterizam o contexto *millennial* poderão contribuir para definir de forma particular a construção de experiências e representações sociais desta geração. Por outro lado, o facto por se ter escolhido entrevistar indivíduos da mesma geração da do pesquisador poderá ser uma mais-valia na medida em que “a idade do um entrevistador pode influenciar o desempenho e o estatuto dos indivíduos entrevistados” (Burgess, 1984, p. 115).

Quanto à dimensão da amostra, considerou-se adequado entrevistar quatro pessoas pertencentes a cada um dos quatro grupos em comparação - homens portugueses, mulheres portuguesas, homens brasileiros e mulheres brasileiras - perfazendo um total de 16 entrevistados. Desta forma, esperava-se não só garantir a representação de cada grupo, mas também conseguir ainda captar alguma diversidade interna, em condições temporais compatíveis com as da realização da tese. Considerando que não é objetivo desta pesquisa ser representativa da realidade social, a amostra foi definida, dentro dos limites temporais e objetivos de uma dissertação de mestrado, para permitir a identificação de padrões de géneros e *gaps* entre práticas e representações da geração *millennial* face à sexualidade e ao sentimento amoroso.

Quanto ao perfil dos entrevistados, em termos gerais, procuraram-se homens e mulheres de Portugal e Brasil, da geração *millennial*, provenientes de contextos urbanos, com acesso às redes sociais. Nesse sentido, de forma a especificar mais a amostra e garantir maior proximidade em termos culturais, para além da pertença geracional definiu-se como critério de seleção a proveniência de um meio urbano, para assim potenciar o destaque de padrões e diferenças com base no género e na nacionalidade.

Aceitando que existem outros fatores que influenciam a construção da sexualidade, estes não serão analisados no âmbito deste estudo de forma propositada, assumindo-se que estes saem fora dos objetivos da pesquisa. Assim, este trabalho não explora potenciais influências de outros marcadores sociodemográficos, não porque menoriza a sua importância no campo da sexualidade e dos afetos, mas porque pretende centrar a análise e trazer à evidência os determinantes primordiais do estudo, os quais são relativos às pertenças de género e nacionalidade dos sujeitos.

Quanto à definição objetiva da amostra, optou-se por desenvolver um processo de recrutamento por duas vias. Primeiro, através da publicação nas redes sociais de um apelo a voluntários para entrevista; depois, através da estratégia da bola de neve, a qual consistiu na identificação, por parte dos primeiros entrevistados, de contactos das suas próprias redes de

proximidade que pudessem constituir outros potenciais entrevistados. Importa referir que só desta forma, foi possível completar o processo de amostragem.

Após recolha de todas as entrevistas, percebemos que os entrevistados tinham perfis semelhantes. Nessa linha, constatou-se que os entrevistados e entrevistadas foram, na sua maioria, homens e mulheres com idades próximas dos 30 anos e que, no momento das entrevistas, estavam fora relacionamentos amorosos. Embora a questão da orientação sexual não tenha constituído, à priori, um critério de seleção da amostra, verificou-se que, no contexto das entrevistas, todas as pessoas se reportaram a experiências e normas no domínio da heterossexualidade.

2.6. Reflexão sobre o trabalho de campo

O trabalho de campo foi efetuado ao longo de cerca de três meses, tendo tomado grande parte do tempo de elaboração da tese. Como anteriormente referido, para o recrutamento de entrevistados foi utilizado um método de dupla abordagem, que se traduziu na implementação de dois métodos distintos. Por um lado, foi utilizado o método aleatório de publicação nas redes sociais, nomeadamente através da publicação em vários grupos de Facebook, onde se mencionaram os objetivos principais do estudo em causa e foi feito um apelo a eventuais interessados a participar no estudo voluntariamente. Este método foi eficaz para captar mulheres portuguesas da geração *millennial*, tendo a oferta neste grupo em causa excedido o número de voluntárias pretendidas para estudo, pelo que foram consideradas as primeiras quatro (4) pessoas que se manifestaram disponíveis para participar. Foi também possível, mesmo que com alguma dificuldade, captar voluntários suficientes para completar o grupo dos homens de nacionalidade portuguesa, sendo que, neste caso, se voluntariaram homens apenas em número igual ao dos sujeitos pretendidos (4).

Entre o grupo de pessoas de nacionalidade brasileira, inicialmente, através da publicação em redes sociais, foi apenas captada uma mulher da geração *millennial*, tendo os restantes entrevistados sido recrutados através do método da bola de neve. Desde a primeira entrevista até ao término do processo de recrutamento, foi sendo pedida a colaboração de cada entrevistado na identificação de outros eventuais voluntários, quer homens quer mulheres, para a realização de entrevistas. Deste modo, e após persistência e insistência no apelo, foi possível completar os objetivos da amostra e conquistar o total de entrevistas previsto: 16 entrevistas realizadas a 4 mulheres e 4 homens de nacionalidade brasileira e a 4 mulheres e 4 homens de nacionalidade portuguesa.

O facto de ter sido mais fácil captar mulheres do que homens e de ter sido mais fácil captar mulheres portuguesas é motivo para reflexão e análise. Se por um lado este facto pode, em primeiro lugar, sugerir que as mulheres estão mais disponíveis para falar sobre intimidade sexual e afetiva, por outro a constatação leva-nos a questionar as razões que poderão contribuir para afastar os homens dos contextos de partilha da intimidade, como seriam os destas entrevistas. Poderá essa dificuldade derivar ou ser aumentada pelo facto de, neste caso, o entrevistador ser também um indivíduo do sexo masculino? Até que ponto podemos supor, desta dificuldade em recrutar para as entrevistas os homens (por comparação com a mulheres), sentimentos de ameaça à virilidade e o receio do julgamento que ainda recai sobre homens nas nossas sociedades? Apresenta-se aqui, talvez, um efeito perverso da dominação masculina: se por um lado são os homens que dominam as relações sociais, são também os homens que se sentem mais inibidos a expor a sua vida íntima.

De notar que o facto de eu ser português e de me mover em meios e redes sociais em Portugal e maioritariamente constituídos por pessoas de nacionalidade Portuguesa poderá ter contribuído para a dificuldade em captar pessoas de diferentes contextos socioculturais e geográficos, dificultando o processo de recrutamento de voluntárias e voluntários de origem brasileira. Neste sentido, parece-me evidente que cada investigador, ao procurar fazer uma determinada pesquisa, mobiliza os seus próprios recursos e laços sociais, acabando este processo por influenciar não só a definição dos objetivos das pesquisas, mas também a sua operacionalização. Com efeito, no que respeita à construção de amostras não é difícil admitir a dificuldade do investigador em recrutar populações fora daqueles que são os seus contextos de pertença social e redes de sociabilidade. Acrescente-se ainda que relativamente à dificuldade sentida em captar homens do Brasil, esta poderá ser explicada pela conjugação do facto de estes serem homens e quererem manter a sua masculinidade salvaguardada e, por outro, serem de origem brasileira e esse facto dificultar os laços a proximidade cultural e emocional.

Relativamente à aplicação das entrevistas, estas foram realizadas em formato online, em direto, através da aplicação Zoom, tendo as mesmas sido gravadas, quando autorizado pelos entrevistados, para facilitar o processo de transcrição e análise. Para o efeito, foi formalmente pedido o consentimento informado a todos os participantes, tendo este processo sido efetuado da seguinte forma: aquando da receção do interesse em participar no estudo, foi enviado um documento de consentimento informado (ver Anexo C) onde constavam as garantias de anonimato, os objetivos do estudo e os contornos da participação no mesmo, sendo pedido aos voluntários que confirmassem, através de resposta a um e-mail, terem tomado conhecimento das condições de participação no estudo e se autorizavam ou não a gravação das entrevistas.

A opção pela realização de entrevistas não presenciais deveu-se a constrangimentos impostos pela situação atual de pandemia por Covid 19. Esta escolha por entrevistas à distância e mediadas por computador acarretou desafios acrescidos à pesquisa, nomeadamente a dificuldade em recrutar voluntários para as entrevistas, a dificuldade em proporcionar um contexto confortável e de proximidade com os entrevistados e, conseqüentemente, a dificuldade de com eles estabelecer uma interação de confiança. Porém afigurou-se-nos que esta decisão foi ao mesmo tempo necessária e imposta pelas restrições legais à livre circulação de pessoas e ao medo generalizado com que se vive ainda esta fase pandémica. Por essa razão, cabe ressaltar que estes constrangimentos contextuais influenciaram inevitavelmente o percurso e os resultados desta tese de mestrado.

Discussão e Análise de Resultados

3.1. Introdução à análise dos dados recolhidos

Ao longo deste capítulo, num exercício de articulação entre teoria, método e resultados, procurar-se-á interpretar os discursos dos entrevistados que foram recolhidos durante as entrevistas, à luz do enquadramento teórico apresentado no início da tese. Para que a interpretação e análise dos resultados sejam mais eficientes ter-se-á em conta os objetivos científicos da tese, as hipóteses definidas e ainda a pergunta de partida da pesquisa. Por outro lado, para potenciar a discussão de resultados, serão levantadas questões através da análise das hipóteses, passando pela resposta à pergunta de partida e pela apresentação de reflexões e pistas para futuros trabalhos.

Durante a discussão e análise dos resultados iremos ter em conta que estamos a “lidar com os discursos das pessoas e não com uma verdade absoluta sobre as suas práticas sexuais ou sequer os seus pensamentos e opiniões” (Aboim 2013, p. 18). Esta premissa será fundamental durante toda a análise pois ajudar-nos-á a colocar em perspetiva todo o conteúdo empírico que foi recolhido, para daí retirar conclusões mais robustas. Cabe também ao cientista social refletir sobre as condicionantes do tema escolhido e analisado, sendo que nesta tese estamos a falar essencialmente de intimidade, relações sexuais e sentimento amoroso. Por essa razão também importa recordar que “falar de sexo pode ser mais banal nos dias que correm, mas não deixa de ser um tópico que se sente como podendo pôr em causa a identidade pública que se quer manter aos olhos dos outros” (Aboim 2013, p. 18). Perante isto, podemos encontrar narrativas dos entrevistados que apenas procuram responder ao que pensam ser esperado deles e delas, não sendo efetivamente aquilo que eles e elas pensam, sentem ou fazem. Também os discursos podem apresentar ambivalências, no sentido em que as respostas são sempre contextuais e circunstanciadas, sujeitas a condicionamentos sociais. À luz desta possibilidade, consideramos “ser extremamente importante saber ler nas entrelinhas do que é dito e pensar as mudanças ocorridas nesta área da vida além da mera coleção de estórias pessoais sobre a sexualidade” (Aboim 2013, p. 18).

Iniciando a análise das entrevistas e olhando de uma perspetiva global, podemos avançar desde já com a ideia de que os discursos dos entrevistados não são extremamente dissonantes entre si, existindo uma certa harmonia e um certo modelo comum de resposta, apesar da singularidade narrativa de cada indivíduo que iremos analisar de seguida.

3.2. Valorização do sentimento amoroso: comparando discursos de homens e mulheres

Debruçamo-nos agora sobre a primeira hipótese: “*Homens e mulheres da geração ‘millennial’ valorizam de igual forma o sentimento amoroso na sua vida sexual*”. Foi nesta dimensão analítica que encontramos maiores semelhanças discursivas, pelo que as iremos analisar mais em detalhe, recorrendo às três perguntas que foram feitas, e comparando as respostas. Antes de entrarmos em detalhes analíticos é relevante preparar o leitor no sentido de o lembrar que a esta hipótese está subjacente essencialmente o conceito de representação sexual.

Aferiu-se que cada indivíduo entrevistado, independentemente da sua pertença de género ou nacionalidade, tem um conceito de amor muito específico e intrapessoal, remetendo para uma representação sexual de amor muito própria e complexa. Própria no sentido em que cada indivíduo constrói intelectualmente uma perspetiva pessoal de amor, com base na sua experiência e vivência. Esta definição, apesar de própria e complexa, remete frequentemente para a ideia de haver vários tipos de amor, de amor como algo transcendente e de amor como algo complexo de explicar. Constata-se uma grande dificuldade por parte da maioria dos entrevistados em responder à pergunta “O que é o amor para si?”, podendo esta evidência remeter para várias reflexões: estarão os *millennial* desprendidos de autoconsciência e preocupados em reproduzir uma certa uniformidade conceptual? Será que existe pouca autoconsciência perante este conceito? Será que a geração *millennial* não despense tempo a problematizar conceitos no âmbito da sexualidade e sentimento amoroso? Será que existe pouca abertura entre pares para partilhar diferentes opiniões acerca da conceção de amor? Considerando estas questões, levanta-se a hipótese de o conceito não estar presente no quotidiano dos indivíduos, podendo ser algo considerado do domínio privado e, por isso, não partilhado em conversas entre pares.

Quanto à questão da importância do sentimento amoroso, tanto homens como mulheres dizem valorizar bastante o sentimento amoroso, conduzindo a sua resposta para a ideia de que o sentimento amoroso é importante. Porém os entrevistados ressaltam a possibilidade de este poder adquirir uma diferente relevância em várias fases da vida. Corroborando esta enunciação, e olhando agora para o discurso de uma entrevistada portuguesa, a mesma refere: “*há momentos e momentos, mas torna essa parte da minha vida mais bonita e mais envolvente*”, enquanto que uma entrevistada brasileira refere “*é muito importante, isso foi uma perceção que mudou muito nos últimos anos*”. Também os entrevistados homens, pese embora expressem de forma clara a importância que o sentimento amoroso tem na sua vida sexual, salvaguardam a mudança da sua

importância ao longo das diferentes fases da vida, sendo de supor que, à semelhança das mulheres entrevistadas, também as suas representações sobre o amor e o sentimento amoroso, tenham sofrido alterações durante a sua vida. Como refere um entrevistado brasileiro, “*hoje é muito mais importante do que era antes, fui aprendendo com o passar do tempo*”, remetendo para uma sexualidade fluída, contextual e diferente em cada fase da vida.

A análise dos discursos dos entrevistados vem também desmistificar a ideia da mulher como exclusivamente emocional e sentimental, na medida em que, apesar de estar presente uma tendência para a valorização do sentimento amoroso, algumas entrevistadas reconheceram partilhar visões um pouco diferentes acerca das relações amorosas. Neste sentido, uma entrevistada portuguesa refere “*Não sinto que seja necessário haver amor para haver sexo*”, quando questionada sobre a importância do sentimento amoroso. No mesmo sentido encontramos também o discurso de uma entrevistada brasileira: “*eu não acho que é preciso amor para haver sexo mas acho que, com certeza, o amor e sentimento melhoram as coisas, existe um conforto maior, mais livre, (pausa) acho que a experiência fica melhor (...). O sentimento amoroso é importante no sentido em que melhora a qualidade da relação*”. Perante os discursos destas entrevistadas, percebemos não ser efetiva a ideia de que a mulher é exclusivamente emocional, reconhecendo-se a importância da sexualidade no constructo da personalidade e das relações ao mesmo tempo que notamos uma dissonância empírica com a ideia que a mulher quer apenas *fazer amor* – uma ideia social e historicamente construída que remonta aos séculos XVI e XVII e que remete para a “defesa de características inerentes ao feminino como fragilidade, doçura, afetividade e principalmente passividade” (Vasconcelos, 2005, p. 8).

Relativamente à vivência do sentimento amoroso, tanto os entrevistados como as entrevistadas em geral referem uma maior intensidade da relação sexual quando existe um sentimento amoroso a uni-las aos parceiros, recorrendo a expressões como: “*nem dá para explicar*”, “*sinto-me um só*”, “*sinto-me em estado de transe*” ou ainda, como refere outra entrevistada, “*eu estava 100% à vontade, não foi só sexo, houve uma ligação*”. Perante tais respostas percebemos que os entrevistados e as entrevistadas destacam a intensidade, o prazer, a ligação, a conexão e a inexplicabilidade da situação quando o sexo é praticado com sentimento amoroso. Consideramos assim que, à luz dos discursos relacionados com a primeira hipótese da pesquisa, talvez seja de considerar a possibilidade de homens e mulheres tenderem a valorizar de semelhante forma o sentimento amoroso na sua vida sexual.

Perante as exposições dos entrevistados, parece sair reforçada a ideia desenvolvida por Vasconcelos (1997), quando refere que o amor se apresenta atualmente como a justificação que legitima e orienta as relações, não só sexuais, mas também em relações conjugais.

De recordar que estamos a analisar nesta hipótese apenas o conceito de representação sexual, ou seja, estamos apenas perante o domínio teórico e representativo de uma realidade social. Afigura-se-nos que os indivíduos perante perguntas de domínio mais abstrato (sem relação direta com as práticas ou os comportamentos) tendem a referenciar um ideal tipo de relação sexual, remetendo para o conceito de Max Weber (1995). Desta forma, os sujeitos sentem-se mais confortáveis em afirmar o que seria o ideal para eles, em termos de relação sexual, mesmo que isso possa ou não ir ao encontro daquilo que realmente fazem ou dizem fazer. Por essa razão, ao estarmos no domínio do idealizado e não no domínio da prática da relação sexual, os indivíduos sentem-se provavelmente mais confortáveis em descrever um tipo ideal de realidade, porquanto isso não os compromete com a realidade descrita. Ao longo das entrevistas verifica-se que esse tipo ideal está bastante próximo em ambos os géneros, pois tanto os homens como as mulheres referem a importância do sentimento como algo preponderante na sua vida sexual.

3.3. A relação sexual e a relação amorosa: continuidades e descontinuidades

Relativamente à segunda hipótese desta pesquisa - a saber, “*homens e mulheres da geração ‘millennial’ valorizam de forma semelhante relações sexuais no âmbito de uma relação amorosa*” - importa referir que esta engloba duas dimensões, separando o conceito de práticas sexuais do conceito de representações sexuais. Com a definição desta hipótese, procura-se averiguar a existência tanto de práticas como de representações sexuais, interligadas ou não como sentimento amoroso.

No que concerne ao que os entrevistados referiram sobre as práticas sexuais com ou sem sentimento amoroso, notamos que praticamente todos os entrevistados, com exceção de um entrevistado homem português, referiram já ter praticado relações sexuais com e sem sentimento amoroso, remetendo para uma valorização teórica das práticas com sentimento amoroso. Apenas um homem português da geração *millennial* referiu que ao longo da sua vida apenas praticou relações sexuais com sentimento amoroso, distinguindo-se do resto dos entrevistados e da norma que tem sido reportada pelos estudos feitos nesta área (Aboim, 2013). Em contraste, foi mais comum encontrar respostas semelhantes à de uma entrevistada brasileira

que partilhou: “*o sentimento me deixa mais confortável e as coisas ficam naturalmente melhores*”, sendo este o tipo de resposta mais frequente tanto entre homens como mulheres. Nesta dimensão analítica presenciamos duas tendências discursivas análogas por parte de homens e mulheres. Tanto homens como mulheres não se inibem de declarar ter tido relações sexuais motivados pelo prazer, sendo que estas práticas coexistem com a sobreavaliação das práticas sexuais com sentimento amoroso. À luz dos discursos dos entrevistados podemos conferir que “a sexualidade é central para o nosso entendimento das identidades e relações contemporâneas, estando diretamente ligada com o modo como nos sentimos connosco próprios e com os outros e, frequentemente, com os nossos motivos para formar relações e conseguir intimidade. É um modo de experimentar amor a prazer, assim como um modo de mostrar valor pessoal” (Marques, 2009, p. 8).

Relativamente à *valorização do sentimento amoroso*, todos os entrevistados, com exceção de um homem português e uma mulher brasileira, referiram valorizar mais uma relação sexual no âmbito de uma relação amorosa que fora desse contexto. Perante estas duas exceções percebemos que, também aqui, não podemos derivar uma diferença significativa entre respostas de homens e mulheres no que concerne à valorização do sentimento amoroso no contexto de uma relação sexual.

Em traços gerais, mulheres e homens tanto afirmam ter gostos e desejo por ter sexo sem sentimento amoroso como dizem não ter, pelo que não se verifica um padrão claro de diferenciação de género nesta dimensão analítica. Olhando para o discurso dos entrevistados, uma entrevistada brasileira refere “*tem gente que tem mais libido, tem gente que tem menos, mas eu sinto todos os dias*”. Outra entrevistada portuguesa refere: “*neste momento não, mas já houve momentos na minha vida em que senti desejo*”. Olhando para o discurso masculino, um homem declara: “*olha, eu acho que sentir desejo é natural, se você vir uma mulher e sentir desejo é normal*”. Outro afirma: “*hoje em dia não mais, nem perco tempo com isso.*”. Perante estes excertos, podemos perceber que as explicações dadas tanto por homens como por mulheres que dizem valorizar a vida sexual vêm ao encontro da normalização social da atração e do desejo sexuais. Sobre esta questão, supõe-se, contudo, que ainda possa persistir um certo “*juízo interno*” no que concerne ao facto de se “*gostar de sexo por puro prazer*” ou sentir desejo, verificando-se alguma necessidade de, tanto homens como mulheres, se justificarem. Por outro lado, esta necessidade dos entrevistados e entrevistadas se justificarem é algo que nos deixa atentos para a possibilidade de não ser aceite pela norma social a busca do prazer e do sexo como fim em si mesmo.

3.4. Tipologias de práticas sexuais da geração *millennial*

Analisando agora a terceira hipótese (H3): *Homens e mulheres da geração 'millennial' apresentam a mesma tipologia de práticas de relações sexuais*, recordemos que nos encontramos essencialmente no domínio das práticas e, por isso, no domínio do duplo padrão sexual em que certas práticas são mais associadas e permitidas socialmente a homens do que a mulheres, sendo que “some forms of masculinity or femininity are more socially valued than others. In this view, relations between particular kinds of masculinity (or particular kinds of femininity) are understood as relations of domination and subordination.” (Wharton, 2005, p. 5). Um sintoma deste duplo padrão de género é a forma como homens e mulheres se referem ao número de parceiros sexuais, em situações de dúvida ou incerteza. Se por um lado os homens fazem frequentemente afirmações como “*não sei [quantas parceiras tive], mas, mais de X*”, as mulheres tendem a responder “*não sei, [quantos parceiros tive], mas menos de X*”. Uma possível explicação para esta ocorrência é o facto de ainda hoje “é feita uma análise diferenciada e socialmente penalizadora para as mulheres da sua vida sexual” (Vaz, 2015, p. 37). Neste contexto específico, verificamos que as mulheres que mudam frequentemente de parceiros sexuais são conotadas como irresponsáveis e como tendo menos autorrespeito do que os homens que apresentam as mesmas práticas (Crawford, 2003).

Deste modo, a análise revela que os entrevistados homens tendem a referir um número mais elevado de parceiras sexuais. Um homem português declara: “*Não sei um número, mas posso garantir que foram umas dezenas*”; outro homem português afirma: “*Foi acima de duas dezenas*”; um homem brasileiro responde: “*Eu não sei, eu acho [que foram] umas sessenta mulheres*”. Por seu lado, as mulheres tendem a indicar um número de parceiros ligeiramente inferior, como por exemplo uma entrevistada brasileira: “*Humm (...) posso dar assim uma estimativa?! Acho que foi menos de 10*”; ou uma entrevistada portuguesa: “*Ai, sei lá... okay, eu sei, estou a brincar (...). [Enquanto faz contas] Seis?!*”, responde em jeito de pergunta, reforçando a dúvida.

Perante estas declarações dos/as entrevistados/as, compreendemos que existe uma diferença significativa na forma como homens e mulheres expressam o número de parceiros sexuais, mesmo que não haja grande evidência acerca da sua diferença objetiva. A razão pela qual os homens tendem a “engrandecer” o número de parceiras sexuais pode ser associada à lógica da dominação masculina, em que “l’acte sexuel lui même est conçu par les hommes comme une forme de la domination, d’appropriation, de possession” (Bourdieu, 1998, p.27). Por outras palavras, nesta linha argumentativa, Pierre Bourdieu (1998) explica que os homens

têm tendência a olhar para o ato sexual como uma questão de reconhecimento simbólico da sua virilidade e do seu poder masculino. Daí que possam ter mais tendência para referir genericamente “*mais de x*” ou “*umas dezenas*”, sendo que desta forma, conquistam uma posição de poder, sem se comprometerem com números e arriscar a sua masculinidade. Compreende-se assim que, neste ponto, subsiste uma diferença objetiva entre o julgamento masculino e feminino relativamente ao número de parceiros/as sexuais, permanecendo, de certa forma, válida a ideia de que o homem, para *ser homem*, tem que ter várias parceiras e a mulher, para *ser mulher*, deve guardar alguma reserva quanto ao número de parceiros.

Quanto ao início da atividade sexual, podemos constatar algumas disposições interessantes. A primeira é a distribuição de respostas no que toca ao início na atividade sexual, em que tanto os homens como mulheres referiram iniciar a sua atividade sexual entre os 14 anos e os 20. Outra particularidade a aludir é o facto de serem as mulheres que dizem, simultaneamente, iniciar mais cedo e mais tarde, aos 14 e aos 20 anos, respetivamente. Enquanto que os homens entrevistados tendem a situar o início da sua atividade sexual com parceira/o entre os 15 e os 18, as mulheres dizem ter iniciado numa maior amplitude etária, entre os 14 e os 20. Por outro lado, a nossa amostra não contempla homens que declaram ter iniciado a atividade sexual com parceira depois dos 18, o que nos pode levar a refletir, mais uma vez, que “*para os rapazes a primeira relação sexual seria um momento de ganho de poder com grande importância simbólica e física; através da primeira relação sexual o rapaz é identificado como um homem, confirmado como um actor social competente*” (Marques, 2009, p. 13). No seguimento desta premissa uma explicação que pode estar por detrás destas respostas: ou os homens buscam de facto, enquanto jovens, a relação sexual para o ganho desse atributo simbólico, talvez também por pressão social, e são levados a iniciarem essa atividade para se sentirem empoderados como “homens”, ou apenas dizem em entrevista uma idade que consideram meritória, mesmo que esta não corresponda ao sucedido, com receio de serem julgados por terem iniciado a atividade sexual numa altura que pode ser considerada “demasiado tardia”. Esta pressão é clara do lado masculino, mas não é clara do lado feminino, existindo mais uma vez dinâmicas de género distintas como aquelas para que remete o conceito de duplo padrão sexual. Relembrando a análise de Pierre Bourdieu (1998), em que o autor explica que os homens têm tendência a olhar para o ato sexual como uma questão de reconhecimento simbólico da sua virilidade e do seu poder masculino, os discursos dos nossos entrevistados remetem para a hipótese desta influência operar no domínio da iniciação da atividade sexual com parceiro ou parceira.

Quanto à primeira experiência sexual, tanto homens como mulheres dizem ter iniciado a sua atividade sexual no contexto de uma relação amorosa, referindo-se a esta primeira

experiência como significativa, à exceção de dois homens, um português e outro brasileiro, que afirmam ter tido a primeira experiência num contexto de descoberta, com mulheres conhecidas. Perante estes dois casos, podemos mobilizar ideias que nos dizem que “os homens têm uma maior tendência para desassociarem a primeira relação sexual de um investimento sentimental duradouro, projetado para o futuro, existindo antes uma maior preocupação quanto ao seu desempenho e ao aumento da experiência.” (Marques, 2009, p. 13). Porém, no âmbito deste estudo e perante uma pesquisa qualitativa sem intenção de ser representativa da realidade social, não podemos evidenciar com veemência este padrão.

Relativamente à preocupação com o desempenho e com o aumento da experiência, tomemos como exemplo um entrevistado brasileiro quando questionado sobre a intensidade da sua primeira experiência: *“era muito a respeito de ser homem, de ser curioso, de querer fazer, pois eu nem estava preocupado se tinha sentimento ou não (pausa). Eu estava era aproveitando a oportunidade de vivenciar isso (pausa). Existia uma curiosidade e uma expectativa de vivenciar isso, pois até então era só teoria”*. Antes de avançarmos na discussão deste discurso, tomemos como exemplo a resposta de outro entrevistado brasileiro quando questionado sobre o que o levou a iniciar a atividade sexual: *“acho que foi uma mistura entre vontade e curiosidade com a pressão social. A vontade é porque os adolescentes têm muitos hormônios, e a pressão social é que quando você está nessa altura da vida todos os seus amigos já estão tendo essas experiências, e você também quer ter porque todo o mundo está contanto e falando disso na adolescência. É o fator da curiosidade e do facto de ‘se todo o mundo está falando, também quero, pois deve ser bom’”*. Os discursos citados são ilustrativos da pressão social existente do lado masculino em demonstrar a masculinidade através da sexualidade, sendo este fator um dos efeitos perversos da dominação masculina, como refere Bourdieu (1998).

Sobre práticas sexuais, tanto homens como mulheres declararam ter tido sexo com pessoas que não conheciam, ainda que esta prática seja pouco assumida, tanto entre homens, como, e sobretudo, entre mulheres. Relativamente às mulheres, esta dificuldade vem recuperar, uma vez mais, a noção de duplo padrão sexual, isto é, a *“duplicidade no julgamento, nas atitudes e nas normas face a várias práticas sexuais pré-matrimoniais e que é traduzida por uma menor permissividade na avaliação dos comportamentos e atitudes sexuais das mulheres”* (Alves et al., 2008, p. 144).

Ao refletirmos sobre a 3ª Hipótese, chegamos a uma certa inconclusividade no que concerne a uma crescente igualdade entre homens e mulheres. Não só porque nos encontramos perante uma pesquisa de cariz exploratório e qualitativa, mas também porque as entrevistas recolhidas não nos fornecem indícios claros que nos permitam tirar conclusões definitivas

acerca deste ponto. De referir que existem muitas nuances e dinâmicas sociais de género por detrás das respostas dos entrevistados, o que nos leva a resultados inconclusivos quanto à dimensão das diferenças e das semelhanças entre as práticas dos entrevistados e das entrevistadas. Ao tentarmos responder diretamente, à luz das entrevistas realizadas, homens e mulheres não parecem ter tipologias de relações sexuais significativamente diferentes, mas identificam-se diferenças nas formas de comunicar sobre tais práticas, o que sugere a necessidade de aprofundar esta análise.

3.5. Valorização do sentimento amoroso nos discursos dos *millennial* portugueses e brasileiros

Relativamente à quarta hipótese - “*Homens e mulheres da geração ‘millennial’ de Portugal e Brasil valorizam o sentimento amoroso de forma diferente*” – olhemos primeiro para os discursos dos entrevistados e entrevistadas de ambas nacionalidades, seguindo-se, depois, a problematização e análise.

No campo feminino, tanto por parte de mulheres portuguesas como brasileiras encontramos respostas similares à questão “*Quão importante é o sentimento amoroso na sua vida sexual?*”. A título de exemplo, recorremos ao discurso de uma entrevista portuguesa: “*É muito importante, mas há momentos e momentos*”. De forma coincidente, uma mulher brasileira responde: “*é muito importante, isso foi uma perceção que mudou muito nos últimos anos*”. Perante estas narrativas, assistimos a uma certa semelhança de ideias, nomeadamente quanto à vivência fluída do sentimento, que aponta simultaneamente para a relevância do sentimento amoroso e para a identificação de mudanças ao longo das várias em fases de vida. A mulher, independentemente da sua nacionalidade ou contexto social, parece procurar na sexualidade “um modo de experimentar amor e prazer, assim como um modo de mostrar valor pessoal” (Marques, 2009, p. 8). Paralelamente, estas correspondências em termos de representações sociais levam-nos a encarar a ideia contextual, histórico-social do sentimento amoroso, resgatando a noção de sexualidade fluída (Bauman, 2005). Com efeito, os discursos das entrevistadas remetem manifestamente para a mudança na forma de valorizar/experienciar o sentimento amoroso, que se coaduna com um *modelo de autenticidade*, em que o indivíduo procura manter-se fiel a si próprio e realizar-se enquanto indivíduo (Neves, 2013).

Para além desta ideia de fluidez discursiva, notamos outras tendências interessantes, como aquela que é expressa no discurso de uma entrevistada brasileira quando refere: “*eu não acho que é preciso amor para o sexo mas acho que com certeza o amor e sentimento melhoram as*

coisas” – uma ideia partilhada também por uma entrevistada portuguesa, quando a mesma refere: “*não sinto que seja necessário haver amor para haver sexo*”. Subjacente a esta coincidência parece estar a ideia de liberalização do sexo, mencionada por mulheres de ambos os países, em oposição à possível expectativa de encontrar esta conceção apenas nas mulheres brasileiras, em virtude de estas serem comumente representadas como ‘símbolo de erotização’ (Padilla et al., 2012, p. 166). Com efeito, denotamos um discurso bastante *sui generis* ao mesmo tempo que se verificam semelhanças discursivas que nos levam a compreender a ideia de sentimento amoroso como algo ideal típico, mas também a considerar a sexualidade e as relações sexuais como algo próprio do construto do indivíduo, que se vai alterando ao longo da vida, indo ao encontro de uma conceção de identidade sexual fluída (Bauman, 2005).

Olhando agora para o campo masculino, quando questionado acerca da importância do sentimento amoroso, um entrevistado brasileiro partilha: “*é essencial, é o que eu vejo, eu vejo o amor que é diferente e há vários tipos de amor*”, enquanto um homem português refere: “*Para mim o sentimento amoroso é muito importante, é o mais importante, para mim o importante é mesmo o sentimento amoroso. Para mim é o vínculo emocional que se sente no ato sexual que é o mais importante*”. Colocando em perspetiva os discursos de homens e mulheres de Portugal e do Brasil, entendemos que existe uma valorização do sentimento amoroso, que nos levam a epilogar que, para a generalidade das pessoas, “as relações sexuais só têm sentido se existir amor” (Vasconcelos, 1997 como citado em Marques, 2009, p. 16).

Ainda no campo masculino, no que toca às semelhanças discursivas entre entrevistados portugueses e brasileiros, tomemos como exemplo, a resposta de outro homem português quando questionado sobre a sua vivência do sentimento amoroso partilha: “*senti (...) nem dá para explicar, aquele sentimento que temos se estamos na fase de transe, neste mundo ou noutra, com um despertar gigante, libertação de hormonas, ficamos naquele espaço chamado o transe, tudo é alegria, tudo é amizade, tudo é amor*”. Paralelamente, um entrevistado brasileiro refere: “*olha, eu me senti bem feliz foi algo eufórico, digamos assim. Euforia. É como se estivesse fora do meu corpo eu me entreguei para aquele momento (...) só pelo facto de eu estar com ela eu estava num momento de euforia e entrega*”. Partindo destes discursos, notamos, com alguma surpresa, que os entrevistados masculinos de diferentes nacionalidades se referem ao sexo com sentimento amoroso de forma idêntica. Simultaneamente, os entrevistados espelham nos seus discursos uma valorização genuína do sentimento e uma idealização do sexo com amor como algo “melhor” do que o sexo sem sentimento amoroso.

Aqui encontramos refletida a teoria de Bejtkovsky (2016), segundo a qual a geração *millennial* apresenta particularidades semelhantes independentemente do seu país de origem.

Ainda no âmbito dos discursos masculinos, da mesma forma que um homem português refere “*o amor para mim é algo que não se explica, algo demasiado intenso para ser explicado por palavras, algo incrível, um sentimento transcendente*”, também um homem brasileiro refere “*amor para mim é uma conexão, conexão para mim é tudo*”. Deste modo, ambos refletem por palavras suas a valorização do amor, expressando de forma *sui generis* a sua conceção de amor, tornando evidente um desejo de realização emocional plena (Neves, 2013).

Uma interessante constatação desta pesquisa aponta para a maior reflexividade que, por comparação com os entrevistados portugueses, os homens brasileiros demonstraram, mobilizando com maior facilidade conceitos e representações para expressar as suas ideias. Olhemos como exemplo para o discurso de um homem brasileiro quando questionado sobre a relevância do sentimento: “*Hoje em dia é muito mais importante do que antes, fui aprendendo com o passar do tempo... existe uma cultura que o homem tem que estar sempre disposto a querer, existe um grande machismo tanto da parte dos homens como das mulheres. Aquilo que esperavam de mim influenciava a minha própria perspectiva do sexo, nós somos resultado do meio em que a gente vive*”. Perante este discurso, constatamos de forma notória uma elevada consciência sobre os efeitos perversos da dominação masculina (Bourdieu, 1998), estando implícita a ideia de que “a atividade sexual é um aspeto chave para o estatuto masculino” (Marques, 2009, p. 15).

Encontramos ainda outras evidências desta dominação noutros discursos, como por exemplo quando um entrevistado brasileiro partilha durante a entrevista que: “*os homens têm que provar que são o macho alfa*”. Na mesma linha, outro entrevistado brasileiro, quando questionado sobre o motivo que o levou a iniciar a sua atividade sexual, refere: “*Foi um somatório, sempre fui conectado com a espiritualidade, mas no Brasil há mais um à-vontade do corpo e da troca, na verdade eu senti uma pressão subconsciente em iniciar por ter um irmão mais velho e por ser homem, e nos adolescentes se fala muito sobre isso então a pressão é grande e eu como era popular a pressão era maior ainda*”. Tais respostas, por parte dos homens brasileiros, tornam evidente a constatação de que é este o grupo da nossa amostra que revela uma maior consciência da desigualdade de género na sexualidade e dos efeitos da dominação masculina sobre si mesmos.

Perante estes discursos podemos apenas questionar se, porventura, no Brasil se vive uma maior desigualdade social, no que toca as questões de género. Não sabemos se esta hipótese tem correspondência com a realidade geral, mas trata-se de uma tendência revelada nestas

entrevistas que nos vem recordar que a “masculinidade aparece como o constructo social dominante e nunca poderemos falar numa dominação de homens sobre mulheres, pois os próprios homens são eles muitas vezes vítimas da sua própria masculinidade” (Oliveira e Amâncio, 2017, p. 47). Nesse sentido, mobilizando essa visão teórica da estrutura social e simbólica da dominação masculina, percebemos que esta “complexifica-se pelo facto de também os homens vivenciarem a posição de vítimas e mal-estar perante a imposição que advém da masculinidade” (Oliveira e Amâncio, 2017, p. 47). O certo é que encontramos aqui evidente a pressão social que os homens sentem no contexto da sexualidade, aparecendo como uma dominação simbólica que os impele a serem viris e a dominar em todas as situações (Bourdieu, 1999).

Por outro lado, é de notar que esta reflexividade sobre a própria experiência e a consciência da influência das condições estruturais sobre os comportamentos foram questões que não encontramos, pelo menos de forma tão explícita, no discurso dos entrevistados homens portugueses. A maioria dos entrevistados portugueses menciona apenas o desejo e curiosidade como fatores que os levaram a iniciar a sua atividade sexual. Talvez o facto de os entrevistados brasileiros se mostrarem, desde o início, mais disponíveis para a partilha e para a reflexividade, possa ter potenciado o surgimento deste tipo de discursos. Poderá também dar-se a possibilidade de existir uma maior pressão social para que os homens se revelem viris nos contextos de socialização dos homens *millennial* brasileiros, como partilha um entrevistado: “*no Brasil existe uma cultura que o homem tem que estar sempre disposto e querer, existe um grande machismo tanto da parte dos homens como das mulheres. Aquilo que esperavam de mim influenciava a minha própria perspectiva do sexo, nós somos resultado do meio em que a gente vive*”. Concomitantemente, destaca-se também a resposta de um outro entrevistado brasileiro, o qual menciona, precisamente, as condicionantes associadas ao contexto social e geográfico, quando questionado acerca dos motivos que o levaram a iniciar a sua atividade sexual com parceira: “*em São Paulo temos uma certa pressão de ir de acordo com a sociedade no sentido em que existe uma falta que as pessoas acham que devem completar no outro (...) e procurar no outro (...) para procurar ter relações sexuais e os homens têm essa pressão*”. Nestes discursos verificamos que os indivíduos mais reflexivos parecem dispor de maior capacidade de intervenção na construção da sua própria história ao mesmo tempo que apresentam uma maior capacidade de construção narrativa da sua história e da sua identidade (Giddens, 2001), ao mesmo tempo que “há como que uma necessidade perene de distinguir o eu do outro, estabelecendo uma fronteira entre aquilo que se aceita como legítimo para si mesmo e legítimo para os outros” (Neves, 2013, p. 156).

Por coincidência ou não, observamos a mesma consciência da estrutura de desigualdade de gênero nos discursos das entrevistadas brasileiras, de que é exemplo a partilha desta entrevistada: *“Eu ouvia muito desde criança que tinha que casar para fazer isso [ter sexo], aqueles padrões familiares, só com o passar do tempo eu fui entendendo melhor a sexualidade em si”*. Sobre a mesma força condicionadora do comportamento feminino, outra entrevista partilha: *“Foi um processo de abertura, existia uma parte religiosa em mim que se culpava, eu tinha sido criada por outra perspectiva, então eu descobri que não precisa de ser amor”*. Perante estas partilhas, damos-nos conta de que *“é feita uma análise diferenciada e socialmente penalizadora para as mulheres da sua vida sexual”* (Vaz, 2015, p. 37), existindo na mulher uma enorme pressão social para a repressão do seu desejo sexual e das suas práticas sexuais fora o matrimónio. No fundo, *“continuam a persistir representações discriminativas em relação aos comportamentos das mulheres”* (Alves, et. al., 2008, p. 156).

De forma algo surpreendente, foi possível verificar também no discurso das mulheres brasileira alguns efeitos indiretos da dominação masculina, quando esta partilha os motivos que a terão levado a iniciar a sua vida sexual com parceiro: *“existia uma certa cobrança do lado dele, ele era um pouco mais velho e dizia que os amigos já estavam naquela fase e tal (...) ele já estava numa fase de faculdade e via isso acontecendo o tempo todo... acho que é importante ressaltar que viemos desse relacionamento com a mesma origem religiosa (...) no começo ele também tinha os mesmos atos de castidade mas chegou um momento que ele começou a falar em ter sexo (...). É triste, mas nada me motivou. Se eu estou num relacionamento parece que é natural que isso vá acontecer em algum momento”*. Neste discurso em concreto percebemos a pressão social a que estaria sujeito o namorado (homem) desta mulher, e que o terá levado a transferir essa mesma pressão para a parceira, precipitando o início da atividade sexual do casal. Interligando este discurso com os discursos dos entrevistados brasileiros verificamos que todos remetem para as consequências de uma estrutura de desigualdade: *“le privilège masculin est aussi un piège et il trouve contrepartie dans le tension et la contention permanents, parfois poussées jusqu’à l’abuede, qu’il impose à chaque homme le devoir d’affirmer en toute circonstance sa virilité”* (Bourdieu, 1998, p. 56).

Notamos que em geral todos os indivíduos do estudo, relativamente à motivação para ter relações sexuais, procuram justificar o seu desejo, reforçando a naturalização do mesmo, como é exemplo a citação de uma entrevistada brasileira: *“Eu diria que é físico, biológico, fisiológico (pausa) Você precisa!”*. De facto, percebemos que tanto homens como mulheres dos dois países têm tendência para justificar o seu desejo e o seu gosto por sexo como algo natural e fisiológico.

Contudo, note-se que também neste âmbito os discursos continuam a não ser alheios efeitos do duplo padrão de gênero. Nas palavras de uma entrevistada brasileira: “[Para] *uma mulher é muito fácil* [ter relações sexuais]. *Você pode ir fazer com quem quiser, mas eu penso: eu vou fazer isso?!*”. É curioso observar como um discurso que, aparentemente revela uma maior abertura e facilidade e que sugere uma maior liberalização dos comportamentos (das mulheres) relativamente à sexualidade, simultaneamente também pode remeter para o autojulgamento e para uma espécie de condenação que se encontra subentendida na pergunta retórica “*Eu vou fazer isso?*”. Esta tendência leva-nos a concluir que apesar de os discursos das entrevistadas de origem Brasileira apontarem para uma maior liberalização dos comportamentos, estes não são imunes à pressão social que condiciona o seu desejo sexual e limita as suas condutas.

Uma tendência semelhante foi encontrada, como já vimos, nas respostas à pergunta “*quantos parceiros sexuais já teve ao longo da sua vida sexual?*”, surgindo, por parte das entrevistadas brasileiras, partilhas como esta: “*eu não sei, eu não me lembro... eu não sei se eu não me lembro ou se eu mesma não quero saber*”. Neste caso, estão implícitos dois dilemas comuns da sexualidade, que podem ajudar a explicar os discursos recolhidos. Por um lado, a ideia de que “na sociedade ocidental contemporânea, a informação sobre sexualidade feminina e a diversificação das experiências das mulheres não aniquilarem dilemas relacionados com a respeitabilidade social e a decência moral das mulheres” (Neves, 2016, p. 93); e, por outro, a noção de que “a sexualidade e o sexo são, para a maioria das pessoas, questões íntimas e vividas em privado” (Aboim, 2013, p. 15), mesmo quando o anonimato está à partida garantido.

Finalizando este tópico, podemos sintetizar algumas ideias. Perante as entrevistas recolhidas e analisadas no âmbito desta pesquisa, não podemos declarar que existe uma valorização diferente do sentimento amoroso entre os entrevistados de Portugal e os do Brasil. O que existe ou parece existir é uma certa convergência discursiva para a valorização do sentimento amoroso, mesmo que descrita como “tardia” ou “fluída”. De outro prisma, quando analisamos os discursos dos entrevistados, percebemos que, de certa forma, os indivíduos convergem para uma valorização do sentimento amoroso, existindo neste campo uma certa harmonia nas respostas, não se verificando, nesta análise, uma associação do Brasil ou da população brasileira a uma sexualidade mais liberal, tal como foi explicitado no enquadramento teórico. No âmbito das práticas sexuais, pese embora, à primeira vista, estas nos pareçam semelhantes, é difícil sobre isto retirar conclusões definitivas na medida em que, como já afirmámos, estamos sempre a lidar com os discursos dos indivíduos sobre as suas práticas e não com uma realidade objetiva.

No que concerne a simultaneidades sobre sentimento amoroso e sexo salientamos o seguinte: foi nos entrevistados e nas entrevistadas de origem Brasileira que se notou uma maior abertura para responder às questões, ao mesmo tempo que se obtiveram respostas mais elaboradas por parte das mulheres brasileiras. Foram as entrevistadas brasileiras que partilharam respostas mais longas e aquelas que procuraram elaborar de forma crítica e reflexiva sobre as suas práticas e representações face à sexualidade. Relativamente à constatação de maior abertura e capacidade, por parte dos entrevistados nacionais do Brasil, de expressarem as suas vivências e representações da sexualidade, podemos apenas supor que estes tenham sido socializados em contextos de maior liberdade no que concerne à expressão de ideias sobre vida afetiva e sexual, comparativamente com os entrevistados Portugueses. Por outro lado, de destacar que a maior expressão discursiva por parte das mulheres e homens de origem brasileira potenciou e enriqueceu a comparação *Portugal versus Brasil*, sendo esta, em nosso entender, uma das características mais relevantes da análise.

3.6. De regresso à pergunta de partida: Será que homens e mulheres da geração *millennial* de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes?

Como foi mencionado nos capítulos anteriores, a pergunta de partida foi concebida com o intuito de conduzir a pesquisa, dotando-a de um fio condutor que a orientasse no objetivo de trazer algum conhecimento ao já produzido por outros estudos neste campo. Relembramos que apesar de termos definido uma pergunta de partida e várias hipóteses que direcionaram a condução do estudo e a análise de resultados, esta pesquisa não tem a pretensão de ser representativa de uma realidade mais vasta, tratando-se antes de uma abordagem de cariz qualitativo e comparativo dos discursos de homens e mulheres da geração *millennial* de Portugal e do Brasil.

Ainda assim, apesar de não ser intenção da tese refutar ou confirmar postulados teóricos sobre a realidade social com sustentação estatística, é do nosso interesse colocar em perspetiva os resultados desta pesquisa com outros estudos realizados anteriormente. Posto isto, não podemos deixar de constatar a tendencial semelhança que encontramos nesta pesquisa entre as narrativas recolhidas dos homens e das mulheres da geração *millennial* de Portugal e do Brasil.

Neste sentido, perante a questão “*Será que homens e mulheres da geração millennial de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes?*”, a resposta que podemos aferir é uma resposta afirmativa. De uma maneira geral, homens e mulheres da

geração *millennial* de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes, na medida em que todos os grupos integrantes da nossa amostra valorizam o sentimento; preferem ter relações sexuais com sentimento; valorizam mais uma relação no âmbito de uma relação amoroso; iniciam a sua atividade sexual por curiosidade e/ou pressão social; têm vários parceiros ao longo da sua vida amorosa, por vezes com pessoas com quem partilham pouca intimidade; e praticam relações sexuais com e sem sentimento amoroso.

Porém há que ter em atenção não só as condições do estudo como também os contextos sociais dos nossos entrevistados. Consideramos pertinente enquadrar a resposta afirmativa à pergunta de partida, pois esta foi interpretada e respondida, tendo em conta as entrevistas realizadas a 16 homens e mulheres de Portugal e Brasil. Naturalmente, estes entrevistados possuem perfis sociais distintos, não tendo sido feito um controlo de outras variáveis sociodemográficas para além das de nacionalidade, género (e, indiretamente, orientação sexual) e faixa etária. Mesmo perante esta heterogeneidade de perfis sociais, os discursos dos entrevistados remetem para vivências e representações do sentimento amoroso e da sexualidade que se apresentam algo semelhantes entre homens e mulheres de Portugal e do Brasil da geração *millennial*.

Deste modo, refuta-se a ideia preconcebida de que “as mulheres procuram fazer amor” sendo comum encontrar discursos mais liberais relativamente ao sexo, como aquele partilhado por uma entrevistada portuguesa, quando questionada se as suas relações foram praticadas com ou sem sentimento amoroso: “*Vivenciei ambas as situações, tive x relacionamentos e isso foi a parte do amor. O resto (...) foram por puro recreativo*”. Considera-se que nos dias de hoje é mais comum as mulheres afirmarem gostar de sexo e praticar relações sexuais, independentemente do sentimento amoroso que as possa ligar, ou não, aos parceiros.

Refuta-se também a ideia de que os homens procuram nas relações o prazer e a mera satisfação do seu desejo sexual, observando-se semelhanças com as narrativas das mulheres, no sentido em que, como vimos, a maioria dos homens entrevistados reitera a ideia de que é o sentimento amoroso que dá sentido à relação sexual. Neste espectro de análise reconhecemos mais uma vez a convergência de discursos masculinos e femininos, existindo uma mera distinção narrativa, na forma como as coisas são expressas, com possíveis influências das expectativas sociais, ou seja, aquilo que é esperado de discursos de homens e mulheres numa sociedade patriarcal.

3.7. Descobertas interessantes e possíveis estudos futuros

Chegados aqui, resta-nos salientar alguns resultados e também algumas incongruências mais ou menos casuais que, ainda que não tenham derivado diretamente dos objetivos definidos para este trabalho, nos parecem interessantes de explorar.

Olhemos para o fenômeno de *gap* entre representações e práticas sexuais. Se, por um lado, tanto homens como mulheres referem o sentimento amoroso como algo extremamente relevante, por outro, referem ter sexo por puro prazer. Se, por um lado, o amor é o que dá sentido à relação sexual, por outro, a relação sexual desprovida de sentimento amoroso não deixa de ter lugar nas trajetórias partilhadas pelos entrevistados, mesmo que estes não considerem essas práticas como ideais. Ou seja, parece-nos existir um hiato entre aquilo que é declarado como o ideal de relação sexual e as práticas quotidianas declaradas pelos entrevistados.

A busca do amor romântico e do sentimento amoroso é algo a destacar. Tanto entrevistados como entrevistadas idealizam o amor e o sentimento como algo melhor, mais prazeroso, de maior intimidade, contudo, na sua grande maioria, os indivíduos declaram ter mais parceiros e parceiras em contextos relacionais sem sentimento do que com sentimento amoroso. Parece-nos, à luz das entrevistas recolhidas, que o sexo aparece como uma busca incessante pelo sentimento e pela conexão, mesmo que por vezes a relação sexual se traduza “apenas” em prazer sexual. Assim, à semelhança dos resultados de Caroço (2014:81), mesmo que em determinados momentos das trajetórias individuais se note uma maior experimentação do prazer, constata-se uma idealização do amor-romântico.

Outro *gap* curioso é aquele que está presente no discurso dos homens relativamente à importância do sentimento amoroso. Não raras vezes, aqueles que em alguma ocasião dizem não valorizar muito o sentimento no contexto das relações, acabam por admitir que a relação sexual é mais intensa e satisfatória quando existe sentimento amoroso. De forma semelhante, os homens que dizem valorizar muito o sentimento amoroso no contexto da sexualidade também não deixam de declarar ter tido várias relações sexuais motivados pelo prazer, e várias parceiras ao longo da sua vida.

Nas mulheres também se verificam *gaps* entre práticas e representações similares às dos homens. Por um lado, as mulheres entrevistadas dizem, na sua maioria, valorizar o sentimento amoroso, mas por outro, admitem ter tido relações sexuais sem sentimento, ou seja, motivadas pelo desejo e prazer. Inclusive, referem não se lembrar de quantos parceiros tiveram e admitem, em alguns casos, que a maioria dos relacionamentos ocorreu fora de relações amorosas. Apesar de algumas reservas na valorização expressa do prazer, consideram o desejo e a atração sexuais

“naturais”, declaram ter tido relações sexuais praticadas com e sem sentimento, tendo tido como parceiros ora conhecidos, ora amigos, ora namorados.

Colocando em análise as ambivalências discursivas tanto da parte dos homens como da parte das mulheres, quer-nos parecer que existe uma espécie de duelo entre as representações sexuais e as práticas em si, como se aquilo que os indivíduos fazem nem sempre correspondesse àquilo que idealizam ou que mais valorizam. Talvez estejamos perante uma necessidade de ir ao encontro daquilo que se pensa ser a norma; talvez os indivíduos não relatem tudo o que pensam e praticam, ou, simplesmente, talvez estejam, eles mesmos, em dúvida sobre os seus próprios julgamentos e sobre as suas representações. Perante tais suposições não confirmadas no âmbito desta tese, considera-se pertinente abordar estas questões em estudos futuros, de modo a abordar mais concretamente de que forma as normas sociais influenciam os discursos dos indivíduos e a construção do *self*, no âmbito da sexualidade.

Por outro lado, existe ainda uma desigualdade no que concerne ao autojulgamento de homens e mulheres, verificando-se uma aparente maior autocrítica relativamente às práticas das mulheres, mesmo quando estas não diferem das dos homens. Numa manifesta existência de duplo padrão de género, os discursos dos indivíduos transparecem a desigualdade, fazendo supor que a cada género continuam a corresponder deveres e direitos próprios (Neves, 2013).

Quanto a possíveis estudos futuros, cremos que seria importante abordar a mesma temática desta tese num estudo quantitativo, de forma a validar numa pesquisa extensiva os resultados alcançados. Como sabemos, só através de uma produção sistemática e diversificada de estudos científicos poderemos desvendar se efetivamente homens e mulheres vivem e experienciam a sexualidade de forma semelhante.

Para terminar, é de salientar que durante as entrevistas através da plataforma zoom foi notória alguma dificuldade que as pessoas ainda apresentam em expressar de forma clara, ininterrupta e direta a maneira como vivem e experienciam a sua sexualidade. Os entrevistados recorreram, várias vezes, a figuras de estilo e a pausas prolongadas, expressando a dificuldade de responder a questões sobre a sua própria vivência do sexo e do sentimento amoroso. Por outro lado, foi também sentida uma diferença na forma como as mulheres, por norma e por comparação com os entrevistados do sexo masculino, apresentam um maior sentido de autoconsciência e reflexividade sobre a sua sexualidade e sobre o modo como vivem e experienciam o sexo, respondendo de forma mais explícita às questões. Esta diferença, contudo, foi mais notória, como vimos, entre os entrevistados/as de Portugal, na medida em que, por comparação com os portugueses, os homens de origem brasileira estiveram mais disponíveis para a partilha.

Considerações finais

Relativamente ao trabalho desenvolvido nesta tese, acredita-se ter ficado claro o objetivo principal, bem como os objetivos secundários desta pesquisa. Nesse sentido, foi possível contribuir para os estudos científicos de género e enriquecer o estado da arte, aportando uma abordagem de comparação internacional.

Como principais resultados da pesquisa, no âmbito das hipóteses lançadas, apontam-se os seguintes: tanto homens como mulheres têm práticas sexuais com e sem sentimento amoroso, idealizando, por norma, ambos os géneros, as relações românticas e com sentimento amoroso; tanto homens como mulheres apresentam representações sexuais ao nível de sentimento amoroso similares, idealizando o amor e as práticas sexuais com sentimento como algo “melhor”, “mais intenso”, “muito diferente”, até mesmo “mágico” - expressões usadas pelos entrevistados; tanto homens como mulheres apresentam variadas tipologias de práticas sexuais, não se notando diferenças significativas; por fim, tanto homens como mulheres praticam sexo com conhecidos, amigos e desconhecidos, e, no relativo à iniciação sexual com parceiro/a, ambos iniciam a sua vida sexual entre os 15 e os 18 anos, com ligeiras diferenças entre géneros, já analisadas na discussão de resultados.

Quanto à pergunta de partida que balizou e guiou todo o estudo - *será que homens e mulheres da geração millennial de Portugal e Brasil apresentam práticas e representações sexuais semelhantes?* -, tal como foi analisado e discutido no capítulo anterior, conclui-se que no âmbito deste estudo a resposta a esta questão é afirmativa. Pese embora seja necessário analisar os discursos de uma perspetiva dedutiva e macro discursiva, afere-se que os indivíduos tendem a declarar práticas e representações sexuais semelhantes.

Quanto à análise comparativa entre Portugal e Brasil, também aqui se notaram aproximações e semelhanças discursivas nos entrevistados. De notar, no entanto, uma maior vontade, reflexividade e capacidade de análise das próprias trajetórias de vida por parte dos entrevistados e entrevistadas brasileiros/as, sendo este um ponto fulcral da diferença face às pessoas entrevistadas de origem portuguesa.

Perante isto, consideramos que foi dada a oportunidade a esta pesquisa de contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre a população Brasileira, tendo-se encontrado uma idêntica valorização do amor e do sentimento amoroso, ao mesmo tempo que não se encontraram diferenças significativas nas práticas sexuais e sendo a forma como se expressam e verbalizam as suas práticas e representações sexuais aquilo que dita a maior diferença.

Relativamente às fragilidades deste estudo, podemos apontar o facto de não terem sido recolhidas variáveis sociodemográficas dos entrevistados, o que compromete a compreensão mais aprofundada das suas trajetórias de vida e, conseqüentemente, o estabelecimento de relações entre níveis de análise macro e micro. Porém, tendo a análise possibilitado chegar às respostas pretendidas, consideramos que a decisão pela exclusão de outros demarcadores sociais não obstruiu a produção de conhecimento, nem o cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Outra possível fragilidade deste trabalho será, porventura, a subexploração da comparação entre Portugal e Brasil, aqui entendida como complementar e não central da nossa análise. De resto, como possíveis estudos no futuro, acreditamos que seria interessante aprofundar as diferenças entre os contextos brasileiro e português, em matéria de práticas e normas face à sexualidade e, em particular, da vigência de um duplo padrão de género.

Concluimos, assim, que os homens não querem só ter sexo e as mulheres não querem só fazer amor, apresentando não só representações sexuais semelhantes, mas também práticas igualmente diversificadas. Nesse sentido, parece-nos que o que distingue homens e mulheres não é tanto aquilo que fazem e pensam sobre a sexualidade e sobre o sexo em si, mas mais o significado e o julgamento que atribuem às suas experiências sexuais e, conseqüentemente, a todas as interações simbólicas que daí derivam. Assim, os homens e as mulheres são, no fundo, seres sociais que reproduzem a realidade categorizada, tal como lhes foi ensinada no processo de socialização e que, conseqüentemente, tem repercussões na sua vida quotidiana e na forma como vivem e representam as interações sociais e as relações sexuais.

Terminando, acreditamos que o mais relevante que importa retirar deste trabalho de mestrado é que homens e mulheres são potencialmente semelhantes, ou seja, são seres sociais dotados das mesmas capacidades interpretativas da realidade social no âmbito da sua sexualidade. No seguimento desta premissa, é importante que os cientistas sociais continuem a realizar projetos de investigação nesta área, para compreender melhor as dinâmicas sociais de género, podendo assim perceber o porquê de homens e mulheres serem ainda tidos como seres desiguais na forma como vivem a sua sexualidade.

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2013). *A Sexualidade dos Portugueses*. Fundação Francisco Manuel Dos Santos.
- Almeida, M. V. (1996). Género, masculinidade e poder, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. <https://ciencia.iscte-iul.pt/id/ci-pub-17486>.
- Alves, M. P., Amâncio, L. & Alferes, V. (2008). *Género e representações sociais: duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política*. CIS-RN, APP/Edições Colibri. <https://ciencia.iscte-iul.pt/id/ci-pub-33186>.
- Bauman, Z. (2005). *Amor Líquido. Acerca de la Fragilidad de los Vínculos Humanos*. Fondo de Cultura Económica.
- Bejtkovsky, J. (2016). The currente Generations: The baby boomers, X, Y and Z in the Context of Human Capital Management of the 21 st Century in Selected Corporations in the Czech Republic. *Littera Scripta*, volume (9), pp. 25 – 45.
- Bourdieu, Pierre. (1998). *La domination masculine*. Seuil.
- Bourdieu, Pierre. (1999), *A dominação masculina*. Celta Editora.
- Burgess, R. G. (1997). Iniciar a pesquisa, garantir o acesso, *A pesquisa de terreno: Uma introdução* (edição nº 2, volume 1, pp. 34-56). Editora Celta.
- Butler, Judit. (1990). *Gender Trouble*. Routledge.
- Butler, Judith. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge.
- Caroço, I. R. F. (2014). *Sexualidade, Amor e Cosmopolitismo no Programa Erasmus* [Dissertação de mestrado]. Universidade Nova de Lisboa.
- Feliciano, R. A. (2020). *Millennials' travels: the influence of Instagram on the decision-making process*. [Dissertação de mestrado]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.
- Gauntlett, D., Hill, A. (1999). *TV living: television, culture and everyday life London*. Routledge.
- Giddens, A. (2001). *Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas*. Celta Editora.
- Gomes, M. S. (2013). *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. [Tese de doutoramento]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.
- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials Rising: The Next Great Generation*. Vintage Books.

- Marques, A. C. (2009). Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais: Representações dos jovens sobre sexualidade. *CIES e-Working Papers*, Volume (76/2009), pp. 1-28. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1537/1/CIES-WP76%20Marques.pdf>
- Neves, D. M. (2016). Normas Face ao Género e à Diversidade Sexual: Mudanças Inacabadas nos Discursos Juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Volume (82), pp. 89-102. <http://hdl.handle.net/10071/11888>
- Neves, D. M. (2013). *Intimidade e Vida Sexual: Mudanças e Continuidades numa Perspetiva de Género e Geração*. [Dissertação de doutoramento]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.
- Oliveira, J. M., & Amâncio, L. (2017). Géneros e Sexualidades: Interseções e Tangentes. CIS-IUL.
- Padilla, Beatriz, Mariana S. Gomes, Thaís França, Gleiciani Fernandes, Erica Masanet (2012). *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa*, Atas do 2º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Pais, J. M. (2010). “Mães de Bragança” e feitiços: enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*, 41(2), 9-23. <http://dx.doi.org/10.21747/21843805>.
- Pereira, M. M. (2012). *Fazendo Género no recreio: A negociação do Género em espaço escolar*. Instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa.
- Plummer, K. (2003a). *Intimate citizenship*. University of Washington Press.
- Plummer, K. (2003b). Intimate citizenship and culture of sexual storytelling, em Weeks, J. (Ed.), *Sexualities and society*, Polity Press.
- Policarpo, V. (2011). *Indivíduo e Sexualidade: a construção social da experiência sexual*. [Dissertação de doutoramento]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.
- Santos, P. H. M. L. (2020). *Millenials on board and generation Z taking off: um olhar sobre os fatores motivadores, a satisfação e o bem-estar das duas gerações*. [Dissertação de mestrado]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.
- Silva, M. C. (2016). *Desigualdades de Género, Família, educação e trabalho*. Edições HUMUS.
- Vasconcelos, P. (1997). Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens Portugueses. Em Cabral, M. V. & Pais, J. M. (Ed.), *Jovens Portugueses de hoje* (Edição nº X, volume X, pp. 215-305). Editora Celta.
- Vasconcelos, P. (2004). Categorização, identidade e sexualidade: Notas sobre a dominação. Em Marques, A. P. (Ed.), *Formas Identitárias e Modernidade Tardia* (Edição nº 1, volume 1, pp. 51-70). ICS-UM.
- Vasconcelos, V. (2005). Visões Sobre As Mulheres Na Sociedade Ocidental. *Revista Ártemis*, Volume (3), pp. 1-10. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2209>

Vaz, A. (2015). *Galdérias e Garanhões: o duplo padrão sexual e a construção do género nas práticas discursivas dos jovens*. [Dissertação de mestrado]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

Vieira, C. (2009). *Sexualidades juvenis: continuidades e mudanças, Um estudo qualitativo no distrito do Porto*. [Dissertação de doutoramento]. Universidade Aberta.

Weiss, R. S. (1994). Introduction. Why we interview?. *Learning from Strangers. The art and Method of Qualitative Interview Studies*, Volume (1), pp. 1-14.

Weber, M. (1995). Classes, Status e Partidos. Em Cruz, M. B. (Ed.), *Teorias Sociológicas I: Os Fundadores e os Clássicos* (Edição nº 1, volume 1, pp. 737-752). Fundação Calouste Gulbenkian.

Wharton, A. S. (2005). Introduction to the Sociology of Gender. Em Wharton, A. S. (Ed.) *The Sociology of Gender: An Introduction to Theory and Research* (pp. 1-11). Blackwell.

Anexos

Anexo A: Quadro da operacionalização de conceitos

Hipóteses	Conceitos	Dimensões	Indicadores
H1: Homens e mulheres da geração <i>millennial</i> valorizam de igual forma o sentimento amoroso na sua vida sexual.	Representações sexuais	Sentimento amoroso	Definição de amor Relevância do sentimento amoroso na vida sexual Vivencia do sentimento amoroso na sua vida sexual
H2: Homens e mulheres da geração <i>millennial</i> valorizam de forma semelhante relações sexuais no âmbito de uma relação amorosa	Práticas sexuais Representações Sexuais	Relações sexuais e sentimento amoroso experienciado Relações sexuais e sentimento amoroso idealizado	Existência de vínculo emocional no contexto das relações sexuais Prática de relações sexuais fora de relações amorosas e sem sentimento Importância do sentimento amoroso nas relações sexuais Gosto e desejo na prática de relações sexuais
H3: Homens e mulheres da geração <i>millennial</i> apresentam a mesma tipologia de práticas de relações sexuais.	Práticas Sexuais Representações Sexuais	Tipologia de práticas sexuais Dimensão emocional da Primeira experiência sexual	Nº de parceiros sexuais Idade de início da vida sexualmente ativa Intimidade com os parceiros sexuais Intensidade emocional da Primeira experiência
H4: Homens e mulheres da geração <i>millennial</i> de Portugal e Brasil valorizam o sentimento amoroso de forma diferente	Representações sexuais	Sentimento amoroso	Importância do sentimento amoroso nas relações sexuais

Anexo B: Guião de entrevista



Sou aluno do ISCTE-IUL e esta entrevista enquadra-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em Estudos Internacionais, que pretende estudar questões de género e sexualidade. As repostas recolhidas serão confidenciais e utilizadas no âmbito exclusivo desta tese, não sendo divulgadas a terceiros. Em todo o processo estará garantido o anonimato, nomeadamente através da omissão de dados ou informações que conduzam à identificação do entrevistado. Por razões metodológicas e melhor tratamento da informação, se consentir, a entrevista será gravada. Ao consentir que a gravação seja efetuada é garantido que a mesma será utilizada para fins de transcrição e análise e posteriormente apagada, nos termos do consentimento informado previamente solicitado.

1º Parte – Valorização do sentimento amoroso

1. O que é para si o amor?
2. Quão importante é o sentimento amoroso na sua vida sexual?
3. Recorde uma história onde tenha vivido intensamente um momento sexual com sentimento amoroso e explique com que intensidade emocional viveu essa história sexual?

2º Parte - Sentimento amoroso e relação sexual

4. Considere agora as relações sexuais desprovidas de sentimento amoroso, sente desejo de as ter? (Sexo pelo sexo)
 - 4.1. Explique com que frequência e intensidade?
 - 4.2. Continuando a considerar apenas as relações sexuais desprovidas de sentimento amoroso, gosta ou já gostou das mesmas?
5. As suas relações sexuais, ao longo da sua vida sexual, foram praticadas com sentimento amoroso, só por puro prazer sexual, ou vivenciou ambas as situações?
 - 5.1. Quais dessas relações tiveram maior relevância para si?
 - 5.2. Considerando as relações sexuais que teve, qual foi a importância do sentimento?
6. Valoriza mais uma relação sexual no âmbito de uma relação amorosa, ou a relação sexual fora de uma relação amorosa é valorizada da mesma forma por si?
7. O que o(a) motiva a procurar relações sexuais?

3º Parte – Tipologias de Relações sexuais

8. Com que idade iniciou a sua vida sexual com parceiro/a?
9. Iniciou a sua vida sexual com parceiro/a no contexto de uma relação amorosa ou em outro contexto? (Resposta noutra contexto: em que contexto?)
 - 9.1. Lembra-se do que o/a motivou a iniciar?
10. Quão intensa emocionalmente foi a sua primeira experiência?
11. Sabe dizer quantos parceiros(as) sexuais já teve ao longo da sua vida?
12. Teve sentimento amoroso pela maior parte dos seus/suas parceiros(as) sexuais ou só por alguns/mas?
13. Que nível de intimidade tinha, no momento da interação sexual, com os seus parceiros/as sexuais?
 - 13.1. Já teve relações sexuais com amigos/as ou conhecidos/as?
 - 13.2. Já teve relações sexuais com pessoas que mal conhecia?

Obrigado pela sua participação!

Consentimento Informado no âmbito da Tese de Mestrado em Estudos Internacionais

***Os homens não querem só ter sexo e as mulheres não querem só fazer amor:
práticas e representações da geração *millennial* de Portugal e Brasil***

Mestrando: Leandro Miguel Paulo Moura

Orientadora: Doutora Dulce Morgado Neves, Investigadora

1. A presente tese de mestrado tem como principal objetivo compreender de que forma homens e mulheres vivem e experienciam a sua sexualidade e o sentimento amoroso, procurando compreender e analisar diferenças e semelhanças entre homens e mulheres;
2. A sua participação é voluntária, tendo o direito a recusar participar no estudo, e a interromper a participação em qualquer momento;
3. Não existem riscos associados à participação na entrevista, sendo apenas necessária uma postura confortável na partilha da forma como vive a sexualidade no contexto das relações amorosas e fora delas;
4. Ao participar está a colaborar numa pesquisa académica, contribuindo para a produção de conhecimento isento acerca da sexualidade e o sentimento amoroso;
5. A sua confidencialidade será garantida, ficando omissos todos os dados que possam conduzir a uma eventual identificação do/a entrevistado/a. Não será publicado o conteúdo integral da entrevista nem cedido a outras pessoas ou para outros fins que não sejam o da presente dissertação de mestrado;
6. Ao participar está a habilitar-se a ganhar uma sessão de *coaching* grátis comigo, se assim o desejar, como forma de agradecimento, sendo a sessão sorteada entre o total dos voluntários;
7. Se consentir, a entrevista será gravada na plataforma zoom para transcrição da mesma, sendo apagada logo após a análise da mesma;
8. Se desejar saber mais sobre o estudo, tiver questões, ou pretender estar presente no dia da defesa da mesma, pode contactar-me através do e-mail impma@iscte-iul.pt ou através das redes sociais.